



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE CEILÂNDIA – FCE
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

CARLA MARYANNE REIS DOS SANTOS

**CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE DE ESTUDANTES
NEGRAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: EXPERIÊNCIAS E
TRAJETÓRIAS**

BRASÍLIA

2018

CARLA MARYANNE REIS DOS SANTOS

**CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE DE ESTUDANTES
NEGRAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: EXPERIÊNCIAS E
TRAJETÓRIAS**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso de Terapia Ocupacional da
Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dra. Josenaide
Engracia dos Santos

BRASÍLIA

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Universo pela oportunidade de viver e por todas os aprendizados, trocas e afetos.

Agradeço a minha família por ter me ensinado que sou negra e que isso não é ruim. Por me permitiram me descobrir enquanto mulher negra, sabendo que não tem problema nenhum em ser quem sou, mas existe um problema social chamado racismo.

Agradeço aos meus pais que sempre me apoiaram em tudo que decidi fazer, por me respeitarem e me permitirem ser.

A minha orientadora Josenaide Engracia dos Santos por me apoiar em tudo e tornar esse trabalho real. Por me inspirar como profissional e como pessoa desde o início da graduação.

Agradeço a Maíra de Deus Brito por ter aceito o convite para participar da banca.

Agradeço as doze mulheres negras que aceitaram participar dessa pesquisa e compartilharam suas vivências pessoais.

Agradeço a todas as mulheres negras que seguem me inspirando pela vida!

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender a trajetória de mulheres negras na Universidade de Brasília, suas experiências e significados relacionados à questão étnico /racial. O ingresso de negros na Universidade foi possibilitado pelas ações afirmativas, que são medidas temporárias adotadas para remediar as condições de um passado discriminatório e assegurar o alcance da igualdade por parte de minorias étnicas e raciais. A primeira instituição de ensino superior pública federal a instituir políticas afirmativas para negros no vestibular foi a Universidade de Brasília em 2003. Para buscar maior compreensão desse processo a nossa atenção, foi direcionada a estudantes negras e suas trajetórias que colaboraram na construção de sua identidade. Para isso foram realizadas entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado. O material foi analisado, sendo destacadas dos depoimentos algumas partes sendo grifadas e em seguida reagrupadas de acordo com o que foi grifado, representando uma possível categoria, e após apresentando a interpretação do significado obtido e a síntese, pautada no referencial teórico.

Palavras-chave: Mulheres negras; Construção social; Desempenho ocupacional.

ABSTRACT

This paper aims to understand the trajectory of black women in the University of Brasília, their experiences and meanings related to the ethnic / racial question. The entry of blacks into the university has been made possible by affirmative action, which is temporary measures taken to remedy the conditions of a discriminatory past and ensure the achievement of equality by ethnic and racial minorities. The first federal public higher education institution to institute affirmative policies for blacks in the university entrance examination was the University of Brasília in 2003. To seek greater understanding of this process our attention was directed to black students and their trajectories that collaborated in the construction of their identity. For this, in-depth interviews were conducted with a semi-structured script. The material was analyzed, being detached from the testimonies some parts to be spelled and then regrouped according to what was denominated, representing a possible category, and after presenting the interpretation of the obtained meaning and the synthesis, based on the theoretical reference.

Keywords: Black women; Social construction; Occupational performance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO e OBJETIVOS.....	12
2.1	OBJETIVO GERAL.....	18
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
3	METODOLOGIA.....	19
3.1	ANÁLISE DE DADOS.....	20
3.2	ASPECTOS ÉTICOS.....	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
1	Racismo e Negritude em Cena: Ato 1 Infância.....	26
2	Negritude em Cena: Ato 2 Universidade.....	34
3	Negritude em Cena: Ato 3 Identidade	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
	APÊNDICES.....	57
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	57
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	59
	APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA.....	61
	ANEXOS.....	62
	ANEXO A – PARECER DO CEP.....	62

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira vem passando por grandes transformações de ordem socioeconômica e política nas últimas décadas. Especificamente no que diz respeito aos movimentos sociais que estão relacionados à negritude, racismo e feminismo, observam-se as poucas conquistas nas universidades, saúde, espaço público, com mudanças ínfimas nas condições e modos de vida dos negros e negras. As pequenas mudanças evidenciaram a insuficiência e inadequação do Estado, quanto à invisibilidade dos negros e principalmente da mulher negra no universo acadêmico.

Desse modo, vem se observando um processo complexo, marcado por avanços e retrocessos na formulação e implementação de políticas e estratégias destinadas a garantir os direitos da população negra, como as cotas de concurso público e de ingresso nas universidades públicas e privadas. A Universidade de Brasília (UnB) está entre as primeiras instituições de ensino superior no Brasil a ter implementado o Sistema de Cotas, que como ação afirmativa objetiva diminuir o quadro de desigualdade no acesso a educação superior, visto que o caráter étnico/racial é determinante na estruturação social do país e historicamente para a população negra não foi conferida a capacidade de tomar decisões e muito menos de produzir conhecimento (FILICE, Renisia Cristina Garcia e SANTOS, Deborah Silva, 2010).

Retornando a questão da invisibilidade da mulher negra, podemos considerar que a invisibilidade da mulher negra no espaço acadêmico também se consolida porque o seu outro (homem branco, mulher branca ou homem negro) não a vê nesse ambiente e nem mesmo trilhando esse itinerário intelectual. Qual o tempo que as mulheres negras têm para ler? A que leituras que se dedicam? E perguntamos enfim: quantas possuem condições para adentrar na universidade? Destas, quantas se tornam pesquisadoras, professoras e intelectuais? O papel socialmente construído para as mulheres brancas foi o de mãe/esposa/dona de casa, para as mulheres negras de serviçais, nessa realidade o ingresso de mulheres no meio acadêmico não foi estimulado, quando se trata de mulheres negras os fatores raça e classe dificultam ainda mais o acesso (RATTS, Alex e RIOS, Flávia, 2006).

Os fatores gênero, raça e classe são determinantes na construção das realidades de mulheres negras, a mobilidade social depende de muito mais do que somente a escolarização, é necessário uma mudança na sociedade. Desde a infância, mulheres negras não se identificam com o que é posto como o que deve ser seguido, não se sentem representadas e pelo contrário são qualificadas como inapropriadas e tem suas características ridicularizadas. Com o recorte de mulheres negras e periféricas, o sentimento de não pertencimento aumenta (SANTOS, Giceli Ribeiro, 2005).

Célia Regina compartilhando sobre sua aproximação com Beatriz Nascimento, durante o período em que ela cursava pós graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) fala:

Passei a conhecer um pouco da mulher batalhadora, incisiva, tensa, voraz nas palavras e pensamentos e uma companheira como tanto eu vislumbrara ter entre as mulheres negras e intelectuais. Isto porque no universo acadêmico somos raras – ainda que em ascensão – como dizem os números das pesquisas relativas ao negro e à educação (2001).

Ao lado disso, observa-se que quando eruditos negros escrevem sobre a vida intelectual negra em geral focalizam as vidas e obras de homens e não dão nenhuma atenção a obra das intelectuais negras. Muitos são os desafios encontrados pelas mulheres negras para adentrar o ambiente universitário, quando os vence percebe que não há representatividade positiva nesse ambiente, desde a ausência de professoras negras à ausência do estudo de autoras/pesquisadoras/cientistas negras.

Segundo Lélia Gonzalez (1983), as mulheres negras são submetidas à dupla opressão, pela estrutura patriarcal e pela racista, que se dão na sociedade brasileira, podendo somar a isso o fator classe, que nesse trabalho é fundamental. Fazendo um recorte socioeconômico, ser mulher negra e periférica em uma sociedade sexista, racista e capitalista pode ser um processo de sofrimento, visto que ocorrem diversas opressões para com essas mulheres. São invisibilizadas e desqualificadas como sujeitos de fala e de direitos, essa maneira de entender a mulher negra se origina dos acontecimentos

históricos pelos quais o povo negro foi submetido e que lhes conferiu a cruel marca de submissão e desumanização. bell hooks¹ (2005) salienta que sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros.

Os aspectos socioeconômicos influenciam diretamente o ingresso e permanência de mulheres negras periféricas na universidade. Esse ambiente não é fomentado para e por mulheres negras, visto que elas são aprisionadas pela dupla jornada, em que se deparam com os desafios de ser mulher e de ser negra, fatores que dificultam a construção de perspectivas para além da submissão imposta. É fundamental para a construção de novas perspectivas, que existam meios de entrada na universidade e de permanência na mesma, meios de não ter que abrir mão dos estudos para trabalhar e não morrer de fome e também meios de reconhecimento e pertencimento ao local para redução do risco de sofrimento gerado pelo racismo no ambiente universitário.

No entanto, como uma mulher negra se torna uma intelectual no Brasil? Como as mulheres negras se percebem dentro da universidade? Quais são as suas experiências na universidade? Quais foram os desafios enfrentados na universidade? Quais suas trajetórias na universidade? O projeto busca conhecer as histórias e trajetórias das mulheres negras dentro da universidade.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Partindo do entendimento de que para viver em sociedade é necessário conviver com outros indivíduos, que a diversidade é intrínseca aos seres humanos e que o princípio para uma boa convivência é o respeito, interagir colabora com o processo de construção da identidade, principalmente em ser negro. Se o ser negro é uma construção, ser mulher negra é uma dupla condição de construção, pois se passa pela condição de tornar-se mulher e, para, além disso, tornar-se uma mulher negra. Não basta, para isso, portanto, ter um fenótipo negro, uma pele negra. É, sobretudo

¹ De acordo com algumas referências o nome bell hooks sempre é grafado em letras minúsculas porque a autora faz a seguinte observação: "o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu". Disponível em: <<http://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/3587/afetividade-negra-por-que-beijar-sua-preta-em-praca-publica-e-um-ato-de-resistencia>>

necessário ter uma consciência de ser negra (JULIO, Ana Luiza dos Santos, 2011, p. 24-25). As mulheres negras sempre tiveram em desvantagens principalmente na universidade. Ana Luiza dos Santos Júlio, em sua tese *Negros e negras no ensino superior privado: um estudo sobre raça e gênero*, defendida em 2011, argumenta que a mulher negra ocupa uma escala maior de desigualdade social, racial e de gênero, diferente de mulheres brancas. A existência de uma hierarquia racial na sociedade brasileira chama atenção para a necessidade de tomar a raça como categoria relevante para análise da situação da mulher na vida social brasileira (SARDENBERG, Cecília, COSTA, Ana Alice, 1994; STOLCKE, 1991). Principalmente na universidade pública.

A finalidade dessa pesquisa é entender a trajetória da estudante negra na universidade e seus efeitos, em específico as estudantes da Universidade de Brasília. Partindo do entendimento que essas mulheres enfrentam um desafio duplo por ser mulher e por ser negra, em uma sociedade patriarcal e racista, que cria várias barreiras para a construção dessa identidade como sendo positiva, e em alguns casos o desafio é triplo quando somado o fator classe. Segundo Alex Ratts e Flávia Rios (2010), quando recordam Lélia Gonzalez, a mídia retrata os negros como figuras subalternas e quando ocorre o oposto é um caso raro, esse vai para o limbo. Trazendo o esporte e a educação como ferramentas de ascensão social para os negros, eles só se servem do primeiro, visto que não possuem as mesmas oportunidades para o segundo, tanto para ingressar como para permanecer e concluir as etapas do ciclo da educação. Lélia Gonzalez como ela traz foi uma das exceções que acessou a educação, mas que precisou se enquadrar nesse ambiente durante um período. Os cabelos crespos e volumosos causavam incomodo nos outros e ela iniciou uma jornada para embranquecer, ou seja amenizar suas características negras e tentar parecer o máximo possível com o modelo europeu de beleza, o branco. O cabelo liso era visto como uma característica que conferia feminilidade e beleza as mulheres, e mesmo com o início do movimento de afirmação negra, os cabelos crespos não haviam se popularizado muito.

As mulheres negras recebem os menores salários entre os profissionais que tem o ensino superior completo, segundo o estudo "*O Desafio da Inclusão*", elaborado pelo Instituto Locomotiva, com dados da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). Os dados comprovam:

Enquanto a renda média do homem branco que têm superior completo é de R\$ 6.702, o homem negro graduado ganha R\$

4.810 -- 29% menos que o branco. Já a mulher branca, também graduada, ganha uma média salarial de R\$ 3.981 e, por último, a mulher negra com ensino superior ganha salário médio de R\$ 2.918, 27% menos que a mulher branca (2017).

Essa condição cria uma realidade repleta de vulnerabilidades para a mulher negra, que dentre as privações que vivenciam está à necessidade de abandonar os estudos para trabalhar e poder sobreviver. A organização social parte da discriminação racial e a negação dessa realidade só sustenta essa organização que é excludente (FILICE, Renisia Cristina Garcia, SANTOS, Deborah Silva, 2010).

Construir uma identidade negra positiva é uma tarefa custosa, visto que o ambiente por muitas vezes atrapalha e lentifica esse processo. A desqualificação histórica pela qual o negro vem sendo submetidos estrutura suas vidas, se origina na desqualificação de seus aspectos culturais, ou seja, religiões, músicas, costumes, traços, cores de pele, texturas de cabelo, perpetuando o sistema racista que os inferioriza. Ser aquilo que ninguém almeja e até repugna, não é confortável e o desejo natural é querer mudar, ser outra pessoa. É necessária a formação da consciência para a sociedade como um todo de que ser negro não é um problema, de que a diferença é parte da existência e que o respeito é fundamental para qualquer relação benéfica para todos os envolvidos, ou seja, para a sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO e OBJETIVOS

No país existe uma crença do mito da democracia racial, algumas pessoas alegam que o Brasil é um país miscigenado e por isso não existe racismo. O mito da democracia racial funda uma consciência falsa da realidade, a partir da qual “acredita-se” que o negro não tem problemas no Brasil, já que não existem distinções raciais entre nós, e as oportunidades são iguais para todos (BASTOS, 1987, p. 148), daí a discordância de muitos sobre ações afirmativas, como o Sistema de Cotas. Sistema que visa a reparação do Estado brasileiro para a população negra ter acesso à educação superior. Outra característica dessa sociedade que promove exclusão é o machismo, que também atrasou o acesso das mulheres a educação superior.

Pensando na história das mulheres negras essas duas características excludentes da sociedade se acumulam, elas enfrentam barreiras machistas e racistas, que comprometem a sua existência como sujeito, mas as mesmas resistem por meio da luta. Os movimentos negros na luta por condições de vida mais dignas, pressionaram o Estado e assim se concretizou a implementação do sistema de cotas para negros, que se configura dentro das ações afirmativas, as medidas temporárias com intuito de reparação histórica para diminuir as desigualdades e buscar amenizar os efeitos do passado escravocrata perverso brasileiro. Nesse sentido busca incluir a população negra no ensino superior e lhe garantir a educação como direito fundamental (FILICE, Renisia Cristina Garcia, SANTOS, Deborah Silva, 2010).

Por isso a reserva de quantidade de vagas para ingresso de pessoas negras nas universidades é um ato político importante, e vale ressaltar que as cotas para negros não tratam de capacidade e sim de oportunidade. É necessário enfatizar, que ingressar no ambiente universitário não é uma condição garantida em pé de igualdade para os negros, pois a educação foi um direito negado a essa população por muito tempo.

As pessoas escravizadas e seus descendentes eram definidas como incapazes no que se refere à atividade intelectual, por isso não tinham a educação como direito garantido, sendo assim com a impossibilidade de participar da educação básica não puderam ingressar no ensino superior. Foram impedidos de iniciar e portanto completar o ciclo da educação formal. (GONÇALVES, Renata, AMBAR, Gabrielle, 2015).

Como resultado do impedimento aos negros de ingressarem no sistema educacional, o número de negros nas universidades, ainda é insuficiente e a quantidade de professores é menor ainda, já que para se tornar professor antes tem que ter sido aluno, é uma questão lógica. (GONÇALVES, Renata, AMBAR, Gabrielle, 2015). Em comparação com o quantitativo de pessoas negras que compõe a sociedade brasileira, a ocupação dos ambientes educacionais é irrisória. Segundo o estudo "*Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça 1995-2015*", realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), nesse período de tempo:

A população branca adulta com 12 anos ou mais de estudo aumentou de 12,5% para 25,9%. Em comparação a população negra passou de 3,3% para 12%. Ou seja, só em 2015 a escolaridade da população negra atingiu o nível de 20 anos atrás em relação a população branca (2015).

É importante questionar as condições para ingresso no ambiente da educação superior, mas não esquecendo de lutar por melhores condições de permanência, que incluem o convívio e o sentimento de pertença. De acordo com Renata Gonçalves e Gabrielle Ambar (2015), se referindo ao acesso das pessoas negras á educação superior “tais jovens são percebidos e se veem como corpos estranhos a este ambiente.”. É fundamental entender que a concretização objetiva da educação como direito, é um processo que tem etapas e complexidades. As condições de ingresso devem ser garantidas para as pessoas negras, visto que são cidadãs também, mas não só elas, as condições que promovam uma permanência saudável e a conclusão dos níveis educacionais também são direitos do estudante e dever do Estado. Diante dessa realidade excludente os estudantes negros tem duas possibilidades, ou tentam se embranquecer numa tentativa de normatização desse corpo , ou lutam pelo direito se ser.

Nessa pesquisa que aborda a permanência dos estudantes negros no ensino superior, no que se refere à questão financeira da permanência, foi observado que as despesas dos alunos ultrapassam suas possibilidades, fazendo com que eles, em maioria as mulheres, desenvolvam atividade autônomas para aumentar a renda e poder suprir necessidades alimentares e de compra dos materiais, alguns conciliam estudo com

emprego e a maioria dos alunos que recebem algum auxílio necessitam usar para atender as necessidades financeiras familiares. (SANTOS, Dyane Brito Reis, 2009: 147 e 151).

Nas universidades públicas dos Estados Unidos a implementação das cotas para negros, foi resultado da pressão feita pelo movimento por igualdade racial e pelo movimento para que todos pudessem ter direito a educação superior. (ROZAS, Luiza Barros, 2009). Por isso os Estados Unidos ocupam o papel de precursor histórico nessa temática.

No Brasil a igualdade passa a ser discutida legalmente a partir da Constituição de 1824, mas os escravizados não eram atendidos por esse direito. Em 1934 a igualdade passa a ser defendida independente da raça, mas só em 1951 é criada a primeira lei anti-racista no Brasil, que previa punição para quem discriminasse uma pessoa devido suas questões raciais. Mais recente em 2003 a Lei n.º10.639 tornou obrigatória a inclusão do estudo sobre o continente africano e a luta e cultura negra brasileira (ROZAS, Luiza Barros, 2009). Fato que na prática não se dá de maneira ampla, embora seja fundamental para a construção identitária positiva das pessoas negras, e para a sociedade como um todo. É urgente ultrapassar a prática da representação escolar que reduz o povo negro a escravidão.

No Brasil colônia as mulheres acessavam a educação para questões que se limitavam aos afazeres domésticos, no pensamento da época “a educação feminina restringia-se então somente a aprender os trabalhos domésticos e maternais, para ser uma boa esposa e mãe” (PEREIRA, Ana Cristina Furtado e FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão, 2017). A mulher era entendida como um ser inferior no que se diz respeito à intelectualidade, e sua existência se justificava pela maternidade e pelo desempenho das atividades domésticas, elas nasciam para viver em casa, para casa e a família. A educação intelectual e profissional era reservada aos homens, e o Brasil não era o único país a viver essa realidade. É importante observar que essa mentalidade embora ultrapassada, se perpetua até a atualidade, quando ainda é necessário “ensinar” que a mulher não é um indivíduo inferior e que seu papel na vida não é o de submissão, pelo contrário, é ser livre.

Ana Cristina Furtado Pereira e Neide de Almeida Lança Galvão Favaro (2017), apontam que a partir da independência do país as mulheres se tornaram público para a

educação, com a exigência de que as aulas deveriam ser ministradas por professoras, tarefa quase impossível já que até pouco as mulheres não tinham autorização para estudar. Com a influência religiosa sobre o pensamento da época, mesmo tendo direito à educação, esse não era o objetivo para a vida das mulheres, a maternidade e a vida doméstica ainda eram o foco.

É fundamental pontuar que tratar de escolarização e envolvimento com o trabalho, é diferente para mulheres negras, pois elas foram escravizadas e vistas de forma que as desumanizava e que justificava as explorações a que eram submetidas. Sueli Carneiro (2011) aponta que as mulheres negras nunca estiveram sobre o bojo do mito da fragilidade feminina, pelo contrário, mulheres negras foram desumanizadas e sempre tiveram que trabalhar, desde a ancestralidade que foi escravizada e explorada de diversas e perversas maneiras.

Os Estados Unidos foi o primeiro país em que as mulheres ingressaram no ambiente da educação superior, em universidade exclusiva para mulheres em 1837. No Brasil foi um pouco mais tarde e o acesso era dificultado pela não garantia às fases anteriores no processo da educação, que preparam para o ensino superior. (PEREIRA, Ana Cristina Furtado e FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão, 2017).

Atualmente as mulheres são maioria quantitativa nos ambientes educacionais, inclusive na universidade. Porém no que se refere à remuneração existem diferenças em relação aos homens. Dados do Plano Nacional de Qualificação, do Ministério do Trabalho e Previdência Social apontam:

As mulheres são maioria nas escolas, universidades, cursos de qualificação, mas ainda recebem menos do que os homens para desempenhar as mesmas atividades e estão mais sujeitas a trabalhos com menor remuneração e condições mais precárias. Para as mulheres, no entanto, maior escolaridade e presença nos cursos de qualificação não se traduz em maiores rendimentos, e essa diferença se amplia conforme aumenta a escolarização. As mulheres com cinco a oito anos de estudo receberam por hora, em média, R\$ 7,15, e os homens, com a mesma escolaridade, R\$ 9,44, uma diferença de R\$ 24%. Para 12 anos de estudo ou mais,

essa diferença na remuneração vai a 33,9%, com R\$ 22,31 para mulheres e R\$ 33,75 para homens (2014).

O grau de escolaridade não assegura as mulheres o reconhecimento profissional que condiz com seus esforços e conquistas. Embora isso é perceptível que mudanças nesse sentido ocorreram e melhorias foram alcançadas. (PEREIRA, Ana Cristina Furtado e FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão, 2017). Para que a disparidade no reconhecimento profissional entre mulheres e homens diminua, é necessária uma transformação social, que confronte o machismo e a formação de uma nova visão de mundo, que garanta as mulheres uma vida digna, em que seus direitos sejam respeitados e seus esforços reconhecidos de forma justa que pode colaborar para construção de uma identidade positiva.

A identidade é um conceito que abarca fatores do indivíduo e do ambiente coletivo que o cerca. As pessoas negras vivenciam o processo de autoafirmação na construção de uma identidade positiva. (SANTOS, Silvia Karla, 2012). Ser mulher negra em uma sociedade racista e machista faz com que a construção de uma identidade positiva ocorra por meio de batalhas, em que mulheres negras ao conhecer mais de si e de sua ancestralidade, recarregam sua força para a luta diária que é existir nessa sociedade sendo negra e se amando, é um processo de reafirmação constante.

Pensando na formação da identidade como um processo que depende da interação com o ambiente, as representações recebidas pela mulher negra influenciam nesse processo, por isso representações reais e positivas são fundamentais. Por ser um processo dinâmico, a identidade se modifica e as experiências podem afetar de maneira a produzir transformações positivas, experiências essas que são vividas ou ouvidas no compartilhar, na troca entre mulheres negras.

Para Silvia Karla Santos “afirmar a identidade negra faz parte de um processo de ruptura com os estigmas históricos dessa população que foi inferiorizada e subjugada diante de um ideal estético-cultural eurocêntrico, desde o Brasil colonial” (2012). Uma experiência escolar comum entre as pessoas negras é estudar temática racial apenas referente à escravidão, e isso gera a percepção do negro como povo submisso, que só tem força bruta, que não pensa, não tem alma como a igreja católica pregava e tantas

outras atribuições pejorativas, que fazem com que desde a infância a pessoa negra tenha dificuldade na auto-aceitação.

Outra ferramenta significativa é a mídia, potente na disseminação de ideias e informações e que influencia na construção da identidade por permitir o processo de identificação ou não com as representações que veicula. O problema é que nem sempre as representações são positivas, na verdade, a grande maioria das pesquisas indicam que os negros ainda estão sub-representados na mídia em comparação com sua quantidade na população.

Citando Rafael Rangel Winch e Giane Vargas Escobar “é preciso entender a mídia como uma das entidades que produzem subjetividades, assim como tantas outras, como a família, a igreja e a universidade” (2012). Os responsáveis pelo conteúdo midiático produzido devem se atentar para sua responsabilidade social, no conteúdo produzido que vai ser recebido pelas pessoas e influenciar em suas vidas. Os discursos da mídia influenciam a construção e a reafirmação das identidades individuais e oferecem modelos de comportamento a serem seguidos. (KELLNER, Douglas, 2001).

Não apenas no discurso, mas na prática, pois o negro e negra tem sido representado nos estereótipos escravo, empregada boazinha, doido, criminoso, favelados e prostitutas. De modo geral, os estereótipos são marcados por traços de sensualidade, erotismo, criminalidade e feiura. (CHINELLATO, Thais, 1996; DA SILVA, Paulo, ROSEMBERG, Fúlvia, 2008). As representações globais das negras nos meios de comunicação de massa contemporâneos continuam a nos identificar como mais sexuais, como aberrações primitivas descontroladas. (bell hooks, 1995). O que podemos perceber é que, a maior parte dos estudos tem revelado que os papéis atribuídos ao grupo de pretos e pardos são secundários ou de figurante. Então a construção social do negro é sempre estigmatizada, principalmente das mulheres negras.

bell hooks (1995), relata que a opção de seguir uma carreira acadêmica e/ou intelectual para as mulheres negras continua a ser uma árdua tarefa. Embora hoje mais que nunca, haja sem dúvida, uma quantidade maior de negras acadêmicas elas são na maioria das vezes anti-intelectuais (uma posição que é frequentemente consequência do

sofrimento que suportaram como alunas ou professoras encaradas com desconfiança e desprezo por seus pares).

Ocupar o espaço da Universidade é um desafio constante. Ser mulher negra nessa sociedade é sinônimo de luta constante, pelo direito de ser quem se é, pelo direito de existir, e existir com dignidade. Essa representação da mulher negra como submissa não é real e aos poucos vai sendo desconstruída. As mulheres negras seguem lutando.

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a trajetória e experiências de estudantes negras na Universidade de Brasília.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o perfil sócio demográfico e econômico da estudantes negras da universidade (idade, curso, renda, residência).
- Entender a influência da universidade na construção de sua identidade étnico /racial.
- Analisar a percepção da sua imagem étnico /racial quando ingressou na universidade.
- Entender como se percebem dentro da universidade.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, parte do levantamento de referencial teórico, e objetiva conhecer o fenômeno já descrito. A história de vida é uma técnica que busca compreender o desenvolvimento da vida do sujeito, recuperando as experiências, crenças, mitos, tradições que permitam compreender melhor a história do entrevistado. Esta pode ocorrer através de uma entrevista, na qual há uma interação com o entrevistador. É um instrumento privilegiado para interpretar o processo social a partir das pessoas envolvidas e das experiências subjetivas. (MINAYO, Maria Cecília, 2000; VÍCTORA, Cesar Gomes *et al*, 2000).

A história de vida permite obter informações na essência subjetiva da vida de uma pessoa. Se quiser saber a experiência e perspectiva de um indivíduo, não há melhor caminho do que obter estas informações através da própria voz da pessoa. O método utilizar-se-á das trajetórias pessoais no âmbito da universidade. Busca conhecer as informações contidas na vida pessoal, fornecendo uma riqueza de detalhes sobre o tema. Dá-se ao sujeito liberdade para dissertar livremente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo indagado pelo entrevistador. (BERTAUX, Daniel, 2005).

Através das narrativas de sua vida, o indivíduo se preenche de si mesmo, se obrigando a organizar de modo coerente as lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas: esta reflexão do si faz emergir em sua narração todos os microeventos que pontuam a vida cotidiana, do mesmo modo que as durações, provavelmente comuns aos grupos sociais, mas que dentro da experiência individual contribuem para a construção social da realidade. (CIPRIANI , POZZI e CORRADI, 1983).

Segundo Meihy, a História de Vida é uma das metodologias de pesquisa qualitativa, na qual a pessoa que participa narra acontecimentos e percepções da própria vida, esse material é captado e armazenado por meios eletrônicos, e posteriormente organizado e analisado. Permite analisar processos sociais e individuais e assim entender a formação do indivíduo. Uma das suas manifestações é a entrevista, que foi usada nesse trabalho de conclusão de curso. As entrevistadas relataram fatos que

aconteceram e suas percepções diante deles na época do ocorrido e atualmente, podendo refletir sobre diversas questões das quais já haviam se dado conta ou não.

Cenário da pesquisa, Campus da UnB Ceilândia que possui seis cursos da área da saúde: Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Saúde Coletiva, Farmácia, Fonoaudiologia e Enfermagem.

Participantes da pesquisa, foram 12 estudantes universitárias da UnB Ceilândia de vários cursos, que se autodeclarem como negras. Critérios de inclusão: Se reconhecer como mulher, como negra, estar estudando na UnB Ceilândia. Ter 18 anos ou mais. Critério de exclusão: Todos os que não se enquadram nos critérios de inclusão.

3.1 ANÁLISE DE DADOS

Após transcrição foi realizada a leitura flutuante "consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar deixando-se invadir por impressões e orientações. (...) Pouco a pouco a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, destacando os pontos relevantes e selecionando os temas mais marcantes". Cada leitura revela novos conteúdos semânticos. Todas as pesquisas adotaram a análise temática que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. Sugere-se que, em cada uma das frases, devem ser agrupados os temas que voltem em várias conversas e que constituem um núcleo temático em torno do qual, num inquérito por histórias de vida a informação vai se saturar, o que preparará o ordenamento temático (RIBEIRO, 2000).

Através da técnica de recorte e colagem, foram destacadas dos depoimentos as partes que serão grifadas que, depois serão reagrupadas de acordo com o que foi grifado, representando uma possível categoria. Denominamos esse exercício de codificação dos dados, que consiste na marcação de partes consideradas importantes para atingir os objetivos da pesquisa. De posse do material codificado, será elaborado um quadro demonstrativo com os seguintes itens: desdobramento temático, apresentado os temas que surgiram; agrupamento, apresentando os sub-tema agrupados por afinidade temática; decodificação, apresentando a interpretação do significado obtido, e

a síntese, pautada no referencial teórico (SANTOS, Inês Maria Meneses, SANTOS, Rosângela da Silva, 2008).

Para a identificação das participantes foi escolhido usar o nome de mulheres negras que são consideradas personalidades influentes em diversas áreas, mas que em comum auxiliam no fortalecimento de mulheres negras, para que em uma sociedade racista, machista, sexista e heteronormativa mulheres negras tenham uma vida com dignidade. Podendo assim divulgar essas mulheres históricas e manter o anonimato das participantes. As personalidades escolhidas foram:

Carolina Maria de Jesus

Brasileira que vendia papel para provir sua sobrevivência e de seus filhos. Começou a escrever sobre ela e sua vida, os escritos são intensos e reais, embora escrevesse sobre sua vida muitas das vivências são compartilhadas por outras mulheres negras e periféricas. Ela é prova de que para transmitir a arte não é necessário um diploma ou algo do tipo, a verdade da obra, o sentimento é o principal e a potência da arte.

Angela Davis

Intelectual norte-americana, participou do partido comunista e teve uma potência de disseminação das suas ideias e ideais, por isso o governo dos Estados Unidos tentava por meio da justiça diminuir o alcance e disseminação dessas ideias, se tornou uma presa política e tempos depois foi inocentada. Até hoje ela fomenta a discussão sobre temáticas da negritude, que se aplicam a atualidades, como por exemplo a questão do encarceramento da juventude negra.

Laudelina de Campos

Brasileira que trabalhou como doméstica e lutou por direitos e pelo reconhecimento profissional dos empregados domésticas, depois de uma caminhada impulsionada por sua persistência ela conseguiu a legalização. Vale ressaltar e dar ênfase a persistência dela para atingir seus objetivos, sua luta foi por ela, pelas empregadas domésticas e por todas as pessoas negras, que assim como ela se indignou com a realidade que vivia e foi forte para lutar, nós também fiquemos inconformadas e lutemos por mudanças.

Conceição Evaristo

Poeta e escritora brasileira que por meio de suas obras empodera as mulheres negras, promovendo reflexões sobre raça e gênero. Suas obras tem projeção internacional e com seu trabalho ela abre caminhos para outras mulheres negras na literatura e em qualquer lugar.

Lélia Gonzalez

Brasileira que transitou pelo universo acadêmico e que ao compartilhar suas vivências mudou a maneira de ver o mundo e a si mesma, de varias mulheres negras, inclusive eu. Lélia por meio de sua vida, foi quem me fez despertar para pensar o que é ser uma mulher negra, ou melhor, me pensar como uma mulher negra. Antes desse despertar eu era mulher e era negra, mas existia uma lacuna entre esses dois fatos. A história de vida dela e os processos pelos quais passou a medida que se fortaleceu para ser quem de fato é, se cruzam com os processos de muitas mulheres negras. Ela não poderia ficar de fora deste trabalho. Participou da construção do Movimento Negro Unificado no Brasil.

Sueli Carneiro

Brasileira que se aproximou de movimentos negros após ingressar na faculdade e da sua indignação tirou forças para participar da criação de uma sociedade mais digna para existência das pessoas negras e para promover a cidadania. Uma das suas ações para movimentar a mudança social foi a fundação do Geledés (Instituto da Mulher Negra) que dá grande visibilidade ao debate de questões raciais e presta serviços de saúde a comunidade de mulheres negra e promove a formação das mulheres negras em relação aos seus direitos.

bell hooks

Ativista e escritora norte-americana que aborda as questões de raça, gênero, classe e o sistema de opressão, e a maneira perversa que esse sistema é fortalecido pela distorção dessas questões. Ela também traz o debate sobre amor e autoestima, que fazem total diferença na atitude de enfrentamento diante das lutas contra Racismo e Machismo.

Beatriz Nascimento

Brasileira nordestina que habitava o meio acadêmico e lutava pela inclusão de estudos de temática racial no meio universitário, para além da escravidão e sendo contada pelo próprio negro, que afinal de contas é quem vive literalmente na pele o fato de ser negro, os aspectos culturais, as tradições e vivências. Vale ressaltar a análise dela sobre as favelas como os quilombos da atualidade.

Patrícia Hill Collins

Intelectual norte americana que possibilita diversas reflexões sobre as vivências de mulheres negras, reflexões essas que se cruzam com a história de vida dela. Importante na produção sobre feminismo negro e na promoção da reflexão de como o mundo externo destrói a autoestima de mulheres negras para que elas mesmas pensam que não tem capacidade de contribuir socialmente.

Audre Lorde

Escritora, lésbica e ativista dos direitos humanos que lutou por uma sociedade menos opressora e injusta. Tem papel marcante em diversos aspectos, mas nessa pesquisa ela vem para ressaltar seu posicionamento como mulher negra e lésbica, que não negava viver e falar de sua orientação sexual e continua até o momento atual fortalecendo as mulheres negras e lésbicas, sendo uma representatividade positiva.

Djamila Ribeiro

Brasileira que no momento está tendo grande alcance midiático e fomentando discussões sobre diversas questões que contemplam as mulheres negras. Seu papel é fundamental para a auto percepção e o fortalecimento da auto estima de diversas mulheres negras e principalmente de jovens negras. Visto que a imagem midiática dessas mulheres nem sempre é real e positiva, Djamila muda essa lógica de representação que é opressiva em sua maioria.

Dandara

Embora habitualmente seja lembrada como a esposa de Zumbi dos Palmares, ela foi e é muito mais que isso, foi uma guerreira que lutou pelo fim da escravidão e que como personalidade histórica fortalece nós, mulheres negras até hoje e até que seja necessário.

Esse breve escrito sobre essas mulheres é apenas um aperitivo para provocar a curiosidade e a pesquisa sobre elas, essas mulheres são exemplos não só para as mulheres e homens negros, mas para todos aqueles que se indignam com a realidade injusta e se propõe a lutar pela construção de uma sociedade mais justa e com uma existência digna para todos.

3.2 ASPÉCTOS ÉTICOS

A pesquisa obedeceu às normas e diretrizes que regulamentam a pesquisa que envolve seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466, de 12 Dezembro de 2012. As participações dos sujeitos foram voluntárias tendo como critério a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). As entrevistas asseguraram: a confidencialidade das informações geradas, a privacidade do sujeito, proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e das instituições, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos aos envolvidos. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa do Instituto de Ciências Humanas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização das mulheres.

Foram entrevistadas doze mulheres negras estudantes da Universidade de Brasília-Faculdade de Ceilândia. Das doze entrevistadas nove são da Terapia Ocupacional, uma da Enfermagem, uma da Saúde Coletiva e uma da Fonoaudiologia.

A participante mais nova tinha dezenove anos e a mais velha vinte e cinco. Quase todas nasceram em Brasília, mas os pais e avós são de outros estados. A maioria delas mora com a família, em diferentes regiões administrativas do Distrito Federal: Gama, Guará, Samambaia, Ceilândia, Santa Maria e São Sebastião. A quantidade de moradoras da Ceilândia entre as entrevistadas é menor do que a soma das que moram nas outras cidades. Moradia é um aspecto diretamente relacionado ao transporte, que envolve tempo de deslocamento, de descanso, segurança e recursos financeiros.

Muitas relataram ter estudado em escolas públicas durante o ensino básico e médio, a minoria estudou em colégios particulares. E as que tiveram a oportunidade de estar nos dois ambientes acentuaram a diferença, na experiência delas a escola pública era um lugar de reconhecimento entre os alunos, lugar de identificar outros alunos negros, fato que não ocorria no colégio particular.

Em relação aos aspectos financeiros elas então entre classe média, a menor parte, e classe baixa a maior parte delas. Apenas uma relatou ter tido acesso a escola particular durante ensino fundamental e médio, estudou em escolas renomadas de Brasília, fez curso de idiomas e de instrumentos, teve recursos e possibilidade de acessar aspectos culturais. De alguma maneira fez com que hoje ela tivesse maior envolvimento na realização de atividades para o autocuidado. A maioria das participantes não tem uma situação financeira que proporcione tantas oportunidades.

Lembrando de Noemi Kon (2014) , toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história. Aqui será relatado histórias de mulheres negras com o intuito de atender aos objetivos da pesquisa, e possibilitar espaços de produção de discursos sobre elas mesmas pensando no estímulo a autonomia. As temáticas resultantes da análise seguem abaixo:

1. Racismo e Negritude em cena: Ato 1 infância.

Desde pequena eu sempre fui a única negra da sala, então era muito difícil porque eu me sentia muito diferente, sabe? Dos meus coleguinhas e eu me questionava muito para minha mãe: por que só eu sou dessa cor e mais ninguém é? E minha mãe falava: porque todo mundo é diferente, mas sua cor é linda e você sabe que na nossa família tem várias pessoas também que tem essa cor. E aí ela falava assim para ver se eu entendia e me “conformava”, né? Até que eu me aceitei e aí eu deixei de lado, mas assim quando eu era pequenininha eu recebia vários apelidinhos, porque eu sempre fui é... eu era a mais baixinha, a mais gordinha e negra né? Então era bem difícil, mas... (Carolina Maria de Jesus).

O ato de estereotipar reflete uma realidade, atua mascarando as relações sociais reais e naturalizando o racismo, criando a crença de que ele é parte do cotidiano, inevitável na existência. (COLLINS, Patricia Hill, p.69). A representação estereotipada se dá na tentativa de diferenciar, mostrar que a pessoa negra é o outro que é inferior, fazendo com que a pessoa negra cultive uma percepção de inadequação e as práticas hegemônicas alegam essa inferioridade para manter as relações de poder desiguais. As representações não positivas do negro estão enraizadas no imaginário social, golpes sofridos desde a tenra idade, onde a sua não existência é marcada, e sem valor atribuído. A queixa de Carolina de Jesus vem quase como uma dor que mexe com seu processo identificatório. E sua mãe em uma tentativa de afastar o sofrimento denega a situação racista. Entretanto, a violência da não identidade começa sua trajetória por perceber a dor, mas conseguiu “escamoteá-la”.

Mas dentro de casa meus pais sempre tentaram ter a..., na verdade me passar uma consciência negra, assim minimamente do que eles sabiam também, meus pais também não eram tão políticos assim, não são ainda. Mas toda a força, toda a minha aceitação, conhecimento do que é ser negro foi dentro de casa, meus avós também me influenciaram bastante nisso (Angela Davis).

A família atua como um dos principais ambientes a influenciar na construção de um sujeito, inclusive tendo impacto na auto percepção como a fala de Angela explicita, embora seus pais não fossem atuantes em movimentos, eles possibilitaram junto com o

restante da família que ela fizesse uma construção positiva em se perceber como uma mulher negra. O compartilhar de experiências é fundamental para o fortalecimento que permite a auto aceitação, uma vez que o conhecimento se dá de várias formas podendo ser puramente adquirido por meio de experiências vividas e não necessariamente teórico. Na vivência familiar de Angela mesmo não havendo um embasamento teórico presente, os familiares foram capazes de proporcionar um ambiente potente para que ela se conhecesse e se aceitasse como é. Logo na infância a socialização se relaciona diretamente com a temática racial, na tentativa de entender a dinâmica social que é racista (MIRANDA, Débora Brasil, p.50).

Aconteciam tipo na escola e tal, das pessoas rirem de mim, ou falarem qualquer coisa sobre cabelo, nariz, pele ou querer me inferiorizar. Também porque eu sempre fui uma pessoa muito aberta, muito simpática com as pessoas, talvez eu seja aquele estereótipo do preto na escola particular que é o palhaço, inteligente que fica na frente das coisas e aí você acaba virando amigo de todo mundo e as pessoas acabam gostando de você mas elas não te veem preto, mas te veem preto, é uma coisa muito estranha. Então assim, os momentos que eu passei racismo dentro da escola, nessa escola particular foram pouquíssimos e nesses momentos mesmo eu não sabendo como agir as pessoas agiam por mim, tipo os meus amigos iam e enfrentavam isso por mim, porque as vezes eu ficava tipo paralisada, falava: “não, isso não tá acontecendo”, eu ficava o dia inteiro com aquilo na cabeça e aí quando eu chegava em casa falava com a minha mãe de boa, tipo não aconteceu nada, eu ia pro quarto e chorava, chorava, chorava, chorava. (Conceição Evaristo).

A educação é um processo que se dá em diversos meios, a escola é um deles, nela os sistemas de representação são internalizados e modificados. A cultura e a educação são indissociáveis, e é por meio da educação que a cultura é disseminada, fortalecida e transformada (GOMES, Nilma Lino, 2003). Além da família a escola é um dos principais ambientes de convivência em que as crianças circulam e que influenciam na construção da identidade das mulheres negras, Conceição em seu relato mostra que a escola pode atuar como um ambiente que reproduz opressões, como qualquer outro ambiente ela é realizada por pessoas, que estão numa sociedade racista e que de diversas fontes recebem conteúdos racistas e reproduzem esse tipo de informação. Diante dessas

situações ela se entristecia e paralisava por se deparar com um acontecimento tão absurdo.

Ah nossa, várias vezes assim, porque quando eu era criança eu era bolsista numa escola particular aqui na “Ceil” (Ceilândia), eu morava no P Norte e era uma escola assim no meio da Ceilândia, mas era particular né? então já era uma outra perspectiva assim era uma outra realidade. Nossa eu tenho traumas pesadíssimos assim, coisas muito tensas que aconteceram na escola assim é...eu não sei dizer se as primeiras situações de Racismo que eu vivi na vida foram na escola, mas assim as que marcaram mais a minha infância assim aconteceram nesse ambiente escolar que era muito violento, porque como a maioria das meninas que estudavam lá eram brancas, a maioria das pessoas pretas que estudavam lá eram meninos, então pra além de eu não ter sei lá amiga, quando eu tinha amigos tinham que ser os pretos retintos porque as outras pessoas não estavam de boas comigo, foi foi paia. E aí quando eu fui pra oitava série eu fui pra uma escola pública porque a bolsa ia só até a sétima série e aí lá foi também outra real assim foi outra coisa, foi um descaso completo assim, porque quando eu estudava na escola particular eu sentia que a coordenação ela minimamente fingia que estava interessada ou assim já aconteceram casos de Racismo explícito assim que minha família teve que intervir falando “olha isso que tá acontecendo é preconceito racial” (Lélia Gonzalez).

A Escola é uma demanda social, por ser "obrigatória" a escolarização e por ser vista como um veículo, passagem para melhoria de condições de vida (Ceccon et alii, 1976:18-19) e veículo para ascensão social ou manutenção do status quo. É vista como um passaporte para a ascensão social, na subjetividade capitalística, mas nem todos devem ter acesso a ela, por isso já é dificultoso, segregador e discriminador. E aqui começa o racismo na escola (1994). Referência que corrobora com a narrativa de Lélia, quando a mesma compartilha que, as situações mais traumáticas foram vivenciadas na escola, particular e pública. Na particular, pela ausência de representatividade e reconhecimento. Na escola pública o ambiente passa a ser até mais violento, a coordenação intervém menos ainda na defesa dos alunos, é muito interessante a relação que ela traz de certa forma aprendeu a banalizar a violência nesse espaço que permitia a identificação com seus pares.

Quando eu era criança era sempre...as vezes eles faziam um negócio de “fazer um ranking das mais bonitas pras menos bonitas” e ai eu ficava lá embaixo como “ah é a menina mais feia da sala”. É difícil entender? davam aqueles apelidos pejorativos, faziam brincadeiras pejorativas, era...era difícil (Sueli Carneiro).

Durante a infância na vivência escolar de Sueli ela era “classificada” como estando entre as meninas mais feias e esse processo gerou sofrimento para ela, pensar nessa classificação vai além de caracterizar essas crianças que fizeram a listagem como sendo cruéis. Citando Sueli Carneiro (2011), as crianças repetem ensinamentos e comportamentos dessas crianças discriminatórios dos adultos. Uma sociedade que se estrutura no racismo, onde pessoas negras são representadas de forma pejorativa e que não promovem o processo de aceitação nem por parte do outro e nem da própria pessoa negra. (CARNEIRO, Sueli, 2011). As crianças negras ficam com a imagem de si mesmas inferiorizadas. Estabelece-se o racismo que estigmatiza uns e gera vantagens e privilégios para outros.

Então...minha família por parte de mãe, com quem eu moro, todo mundo é branco e a minha família por parte de pai a maioria é negra, só que eu nunca tive muito contato com essa parte do meu pai e o contato que eu tive foi muito conturbado, então assim foram pessoas que não, não sei se eu posso dizer isso, mas não influenciaram tanto na minha construção como pessoa. E ai minha mãe branca, meu irmão também e minha irmã branca mais ou menos, mas também prefere ser branca do que ser negra, tem o cabelo liso e parece bem com a Sueli minha irmã, mas ela não se considera negra. Então assim eu acho que na minha infância eu escutava muito das pessoas que eu não queria ser negra, ai eu lembro que tinha uma amiga da minha mãe até que ela falava pra mim “bell hooks você é pretinha” e eu falava “não, eu sou marrom bombom”, eu não gostava que me chamassem de preta e tal. E ai eu lembro que uma vez eu estava numa viagem, eu sempre viajava com a minha vó pra Pirenópolis, e ai uma pessoa de lá falou bem assim “é a bell hooks não gosta de gente preta” e ai tipo eu escutei, ela não falou pra mim ouvir, ela falou pra minha vó, mas eu ouvi e ai eu fiquei pensando naquilo, acho que eu devia ter uns dez anos, e ai eu fiquei pensando assim “nossa, nada a ver e tal”. Mas assim como eu não me identificava eu meio que não tinha, eu tinha

um pouco de receio e aí eu fui tentando pensar mais nisso entendeu? desse tempo pra cá e aí comecei a tentar uma aproximação maior com o meu pai, com a minha família por parte de pai e tal, que deu certo e não, por outros motivos, outros problemas. (bell hooks)

A fala de bell hooks é aparece como se fosse à fuga da negritude, (não querer ser negra) e sim marrom bombom, provavelmente é decorrente da tomada de consciência da rejeição social devido a negritude. O que aparece no discurso de bell é como traz Sueli Carneiro (2011), sobre o casamento inter-raciais, as famílias negras apresentam grande variedade cromática em seu interior, o que pode provocar confusões identitária. Na narrativa, ela afirma que durante sua infância convivia com uma parte da família branca, que influenciou em sua construção e fez com que ela tivesse dificuldade de se ver negra, pela ausência de representação e identificação estética com essas pessoas, acredito que também para não ter o seu ego esfacelado. A experiência na própria família sobre negritude, estimulou bell a repensar a sua possível brancura ou morenice. Episódio que fez com que ela repensasse a maneira como se identificava e a partir daí, ela tentou uma reaproximação com a parte negra de sua família.

Olha, no início foi um pouco difícil, principalmente na infância né? eu morava na Bahia então...nossa eram muitos apelidinhos sem graça até dentro de casa mesmo. Eu cheguei a conviver muito tempo com meu bisavô e minha bisavó e minha bisavó detestava negro. Tipo assim, meu bisavô era negro né, mas eu não sei como é que era a relação deles direito, porque eles já era velhinhos. Mas nossa, ela tratava a gente totalmente diferente, ela colocava uns apelidos, ela chegou a alcançar um tataraneto e aí ela ficava chamando a gente de tiçãozinho, de pretinho, ela “ah sai daqui com esse bicho preto; não gosto dessa bicha preta”, mas ela tratava a gente com carinho sabe? Mas ela ficava toda hora falando que a gente era preto o tempo inteiro (Beatriz Nascimento).

Durante a infância Beatriz conviveu num ambiente familiar com muitos nomes pejorativos que não contribuem para a construção de uma imagem positiva como uma pessoa negra, dificulta a auto aceitação e o auto amor, e com um tratamento diferente para as crianças negras da família, em que sua bisavó os chamava de forma depreciativa e cruel. Para Lia Vainer Schucman e Felipe Luis Fachim (2016), a identidade é

construída e constituída de forma dialógica, ou seja, não há como um sujeito se reconhecer de forma positiva se a sociedade em que ele está inserido produz, acerca de seu grupo, estereótipos, preconceitos e discriminações que restringem a possibilidade de ser humano desses sujeitos. Assim, a representação negativa do avô de Beatriz atua de forma perversa sobre a própria subjetividade da mesma.

Acho que na infância...acho que não teve tanto. Só tinha aquelas brincadeiras em relação ao meu cabelo, não na escola mas na família mesmo. Acho que eu nunca tive problema na escola com isso, mas na minha família sim, com aquelas piadinhas preconceituosas e tudo mais em relação ao meu cabelo. Mas de resto acho que é isso. Era difícil né? porque sempre eu me sentia a mais feia, em relação ao meu cabelo me sentia mais feinha porque eu não sabia lidar com ele, cuidar dele. Então eu alisava e ficava aquela coisa horrível, não ficava legal, ainda mais que ele era amarelo ai ficava nossa, ficava horrível. E as minhas primas todas tem cabelo liso ou cacheado, que seria “mais fácil de lidar”. E ai em sempre ficava ali “nossa eu sou tão feia e tudo mais”, a questão de autoestima mesmo, sempre foi mais difícil com a questão de autoestima (Audre Lorde).

Marcella de Holanda Padilha Dantas da Silva (p.189, 2010), explica que a falta de ação familiar contra o racismo está relacionada com a falta de informação por parte da mesma e pela influência do mito da democracia racial, criando a ilusão de que não existe racismo no Brasil e que algumas atitudes racistas são apenas piadas, quando na realidade produzem sofrimento, como na experiência de Audre durante sua infância. As atitudes racistas de um tio, principalmente em relação ao seu cabelo que é crespo, a marcaram, prejudicando o desenvolvimento de sua autoestima e o cuidado com o cabelo, colaborando na decisão de dar início a prática de alisamento do cabelo, numa tentativa de normatizar seu corpo e se aproximar do padrão estabelecido, uma tentativa de embranquecimento. Ela vivenciou o racismo de intimidade nascido no coração da família.

Bem, na minha família lembro que desde a minha infância que assim, na escola tinha aquela coisa de você marcar raça né? pelo menos na minha tinha e ai eu levei levava

pros meus pais e eles falavam “ah você é parda” e ai eu cresci. Durante minha vida toda e até hoje assim “ah você é parda, você é moreninha, você não é negra” e ai tá, porque eles não se autodeclararam pretos né? e ai eu até já discuti muito isso do porque deles não se vê assim.(Djamila)

Djamila compartilha que o ambiente familiar não foi um espaço que incentivou o processo de se perceber enquanto mulher negra, e que o fato de ter o cabelo liso fez com que os outros, em particular os seus pais, afirmassem que ela é parda/morena, acontecimento que ocorrem até hoje, inclusive na universidade. Ela identifica que a escola, relações sociais e a faculdade foram ambientes que a instigaram pensar sobre questão racial, mas o ambiente familiar não. Ela aborda de maneira enfática as tentativas dos outros de fazerem com que ela se veja embranquecida, em contrapartida ela se auto afirma e faz questão de se identificar como mulher preta. Citando Marcella de Holanda Padilha Dantas da Silva (p.183, 2010), a valorização da estética branca gera um movimento de classificação, quando uma pessoa negra apresenta elementos identificados como brancos, portanto essa pessoa se torna “quase branca”. Na lógica racista de negação da negritude, as características atribuídas a branquitude são hipervalorizadas, no caso relatado por Djamila, o outro se opunha e se opõe a autoafirmação dela numa tentativa de salvá-la de si mesma.

Pra mim eu acho que o que ficou marcado foi esse meu tio e de certa forma...porque pra crianças a gente meio que não leva a sério, mas eu tenho essas experiências e eu vi meus primos também tendo essas experiências de ser humilhados por adultos quando a gente estava num grupo assim entendeu? não somente por esse tio, mas por outros também, por amigos da família também. Por estarmos todos nós crianças assim e os adultos humilhando a gente, a gente estava lá brincando tranquilo, mas você conseguia entender aquele comentário, você conseguia sacar alguma coisa. Mas assim na escola...na escola acho que eu posso falar que eu tive alguma coisa no ensino fundamental que foi a partir do memento eu acho que as definições começa a ser concretizadas na cabeça da galera entendeu? e ai a galera já olha assim de um jeito meio diferente. Eu tinha na minha sala de aula, eu acho que tinha um pouquinho mais que cinco alunos negros, só que dois deles a galera já tachava como “ah não, não vou

chegar perto deles porque eles tem um olhar meio assim, não vou chegar, eles não parecem ser muito legais, cara de bandidinho”, isso foi acho que na sétima série ou na oitava. E assim eu ficava tentando, eu deixava de lado e falava “tá bom deixa quieto”, não era uma coisa que eu chegava assim, de certa forma eu até meio que arrependo assim muito entre aspas de não ter debatido tanto, de não ter chegado lá “mas porque que você não quer falar?”. Hoje eu chego, hoje eu falo “não, tá mas e aí? Tá, o que que você tem a ver com isso. Mas por que você tá falando isso?”. Mas antigamente não, antigamente era uma toupeira, antigamente só aceitava, aceitava mesmo. Só ficava calada, porque eu não sei se era a questão de abraçar vamos supor, deixar só o povo falar e abraçar minha opinião e ficar na minha, entendeu? de não querer encrenca, porque minha mãe sempre me ensinou “olha não briga”. Mas acho que por esse fato deu ter sido de certa forma muito protegida pela minha mãe, eu não tive muito contato com esse preconceito. Eu tive um primo que assim a mãe dele tinha essa, acho que o preconceito já partia da mãe dele e assim ele via isso, ele sentia meio que excluído e até que um dia eu percebi isso no dia que eu fui com ele, que entrou nós dois esses dois negrinhos assim, a gente entrou naquela Aliança Francesa sabe? Aliança Francesa super padrão classe alta, a gente entrou lá e no que a gente entrou eu lembro de ficar muito constrangida, porque todo mundo olhava, todo mundo olhava. Ai assim eu lembro que eu fui com ele e eu falei “Primo você enfrenta isso toda terça e quinta?”, que era o dia que ele tinha aula, “toda terça e quinta você enfrenta isso?”, ele falou “é Dandara, eu entro aqui só que foda-se, eu não ligo, simplesmente não ligo mais”, porque ele passou isso a vida inteira. Eu falei “caramba eu fiquei incomodada demais de ter entrado lá e o povo olhando”. E quando você entrava o guardinha já olhava estranho entendeu? Foi ali, eu acho que isso já foi no ensino médio, ai foi quando eu realmente tive um desses choques que foi quando eu entrei na Aliança Francesa e a galera tipo “o que que esses dois tão fazendo aqui?”. Lembrando véi, eu acho que esse foi o maior choque que eu tive, foi um dos maiores choques que eu tive em relação a isso (Dandara).

Em sua fala Dandara revela que o ambiente familiar foi o que mais a marcou na infância devido as falas racistas principalmente de um tio e que no ambiente escolar essa percepção foi maior no ensino fundamental, quando ela percebeu a postura discriminatória de algumas pessoas para com os meninos negros da turma, mesmo percebendo isso ela não tinha coragem de se posicionar contra essas falas racistas. Ela

compartilha também uma experiência que vivenciou de ir a um lugar determinado socialmente como sendo restrito aos brancos e o choque das pessoas que estava lá ao ver essas pessoas negras entrando, representa a reação social ao ver pessoas negras em cargos de poder, com situação financeira favorável, no meio acadêmico. Conforme Sueli Carneiro (2011), o que está incrustado no imaginário social que os negros são pobres e não pertencem a esse lugar de privilégios. É como se a aliança Francesa fosse um lugar privativo dos brancos “classes superiores”.

2. Negritude em cena: Ato 2 Universidade

E aqui eu comecei a enxergar coisas que antes eu nem ligava, não dava a mínima, entendeu? Até a questão de não julgar a pessoa por certa coisa que ela tem ou que aconteceu com ela, então acho que é assim, foi muito enriquecedor para mim estar aqui dentro até hoje. Aprendi muita coisa e espero continuar aprendendo até o final. Antes eu nem, não falava muito sobre o assunto a não ser com essa minha amiga que também é negra. Agora eu tenho mais liberdade até pra falar com os meus amigos que não são, acho que porque as pessoas tem um certo medo também de falar e está achando que está com preconceito sabe? Tem um tabu ainda em falar sobre ser negro, o negro, eu acho que ainda existe isso e até aqui dentro as vezes os meus amigos ficam com medo de falar e eu falo “gente pode falar, não tenho problema com isso, sou negra mesmo”. Porque as vezes brincadeira “só podia ser preto” e eu falo “sou preta mesmo e aí? O que que me diferencia de vocês”, eu falo assim as vezes também brincando com eles, de volta rebatendo. Antes eu falava também, acho que eu também tinha essa resistência de falar sobre e agora acho que eu estou quebrando isso cada vez mais, falar tá sendo mais fácil pra mim. (Carolina Maria de Jesus)

Carolina de Jesus afirma que a Universidade traz um modo de conhecer. A experiência na Universidade acaba por ajudar na recuperação da voz silenciada em torno da temática negra, quando ela cita a dificuldade de falar a palavra negro, pois demarca significados negativos, para caracterizar uma suposta inferioridade, Noemi Kon (2017), diz à palavra “negro” não encobre o racismo. Carolina quando se assume negra dá outro

sentido, assume positividade ao que antes era negativo. A Universidade é uma ferramenta que possibilitou o alargamento da consciência crítica em torno da temática. A auto declaração e o fortalecimento da autoestima são tarefas árduas para as mulheres negras brasileiras, pois vivem em uma sociedade racista e machista, consolidar uma identidade positiva é um processo trabalhoso e contínuo para as mulheres negras. Silvia Karla Santos (2012), aponta que a sociedade descrita gera autonegação, visto que a construção da identidade é um processo que recebe influencia da vivência em sociedade.

Tá...se fosse pra expressar fisicamente assim o que foi eu acho que foi tipo um soco na cara, foi muita informação na mesma hora assim, meio que pegaram um bloco assim de papel e jogou em mim e falou “vêi estuda isso aqui tipo pra ter minimamente uma convivência, um saber lidar com tudo que você vai passar aqui e que você passa também fora daqui”, mas ao mesmo tempo foi muito bom, eu sinto que eu evolui muito intelectualmente, de entender vários processos que eu não entendia, de me entender como uma mulher negra e o que isso significa. E como pode ser...é enriquecedor assim e provando mais uma vez que eu estou totalmente fora da margem das expectativas, do que é esperado. É isso foi um processo de empoderação assim muito grande. Foi quando eu saí de casa (Angela Davis).

O ingresso e a permanência na universidade tem um efeito dual como aponta Angela, é um impacto pela mudança de fase na vida e pela quantidade de conhecimentos a serem aprendidos em um curto espaço de tempo, que é de responsabilidade dos alunos, por outro lado estar nela pode proporcionar o acesso a novos conhecimentos teóricos e práticos pela troca entre as pessoas. Marcella de Holanda Padilha Dantas da Silva (2010), afirma que o empoderamento da pessoa negra se faz na redescoberta de si, no ato de acolher sua cultura e ancestralidade, se percebendo como sujeito e não assujeitado. Para Angela ingressar no ambiente acadêmico permitiu se aprofundar intelectualmente, se entender e construir sua identidade.

Na verdade era um sonho, mas nunca que eu pensei que pudesse passar. Foi na verdade uma surpresa. Eu acredito que a UnB mudou muito a minha forma de pensar socialmente falando. Não é fácil estar aqui, misericórdia não é mesmo, mas em questões sociais, ver o outro de uma outra visão a UnB me ajudou bastante. ...o discurso de muitos professores era “você tá aqui porque você quis” e eles não explicavam muitas matérias porque “você passou, então é porque você sabe isso aqui”, então no começo como eu vim de escola pública que menos tinha aula, do que tinha aula né? Porque era período de greve que estava tendo, quando eles vinham com esse discurso...pronto, eu saía da sala e chorava nos banheiros daqui tudinho (Laudelina de Campos).

Nessa fala o ingresso na universidade é caracterizado como um sonho que era pensado como sendo utópico, foi uma surpresa que modificou a forma de Laudelina pensar questões sociais diversas, e também se caracteriza como uma vivência difícil. A postura de professores é de dificultar ao invés de tornar o percurso mais agradável, e no caso dela e de tantas outras mulheres negras que estudaram em escolas públicas, as dificuldades se somam e podem gerar sofrimento. Renata Gonçalves e Gabrielle Ambar (2015), falam sobre o processo de construção da visão de que pessoas negras são inferiores e por isso não são capazes de acessar a educação, como um pensamento vigora até hoje. A política escravista no Brasil garantia que somente os brasileiros poderiam ter acesso à educação e negava esse direito aos africanos e seus descendentes, justificando que como eles eram pertencentes a uma raça inferior e não civilizada, proporcionar a eles esse acesso era um desperdício, uma perda de tempo visto que eles não tinham capacidade.

Cara, eu acho que foi um somatório de coisas, porque como eu tava já passando por um processo de me reconhecer mais, porque antes você fica assim “ah eu sou preta, mas não sou preta sou morena” e aí quando eu entrei eu já tava no processo de “não, você não é morena, você é preta” e a UnB me ajudou nesse sentido de ter um olhar mais aberto pra minha população, quebrar uns estereótipos que eu tinha comigo mesma, mas ligadas a nossa população, entendeu? até questão de leitura, questão de descobrir certas coisas a UnB me ajudou muito, muito mesmo! Alguns autores, algumas coisas que eu não sabia eu comecei a ler aqui, claro que não por causa da TO (Terapia

Ocupacional), porque na TO não tem essa temática muito, mas conhecendo pessoas do movimento e a galera “lê tal coisa, olha por isso, olha por aquilo”, começar a ter um olhar mais crítico pras coisas, vê que as diferenças as vezes elas fazem a diferença na sociedade, de como você vai ser visto, como as coisas vão acontecer, então a universidade me ajudou nisso de conseguir, juntou a Conceição que tava já numa transição antes, no ensino médio e que já começava a pensar e a questionar certas coisas e aí ela só somou pra me ajudar a chegar onde talvez eu vou chegar daqui pra frente, mas ainda tô numa construção ainda, eu gosto de dizer que “ainda estou em construção”, apesar das pessoas falarem que não, que eu já estou bem, mas eu acho que não, acho que eu ainda estou construindo essa Conceição mulher preta, militante e essa questão toda (Conceição Evaristo).

Em sua fala Conceição aponta a universidade como um espaço que potencializou seu processo de autoafirmação como mulher negra, processo esse que já havia se iniciado antes, mas se consolidou depois do ingresso, e também proporcionou a ela desconstruir ideias sobre ela e sobre seus pares, ter acesso a conhecimentos teóricos e sociabilização. Parafraseando bell hooks Conceição Evaristo, encontra na universidade um refúgio, um abrigo onde podia experimentar uma sensação de atuar sobre as coisas e com isso construir uma identidade subjetiva. Experiência fruto do afeto entre as pessoas que esse desenvolvimento contínuo é favorece. Citando Silvia Karla Santos (2012), a identidade deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade, pressupondo uma interação, pois mesmo que o sujeito reconheça-se inserido em determinado grupo, é necessário uma resposta social a essa inserção.

Não! Não porque não é nada sabe? Eu acho que ela tá fazendo o mínimo que ela pode fazer por mim, menos que o mínimo sabe? Porque ela não me garante que eu vou continuar vivendo nesse espaço, que eu vou continuar existindo, que a minha segurança tá garantida aqui dentro, que meu corpo não vai ser violado aqui dentro, a universidade...assim não é porque eu passei por cotas raciais que a universidade tá preparada pra mim sabe? Nossa, não mesmo. A UnB continua sendo um espaço extremamente violento dentro da minha vida, porque é isso eles tratam cota como concessão pública e não como reparação histórica sabe? Não existe discussão, não existe...eu ainda tenho que explicar pros meus professores o que que é Racismo. Eu sinto que a universidade ter me dado sei lá acesso a biblioteca que tem tipo

pouquíssima coisa sobre questão racial, que eu pesquiso hoje em dia, é menos que o mínimo, só tá fazendo o que tinha que fazer mesmo e ainda tem que fazer mais, tem que garantir que eu exista nesse espaço sabe? E a universidade não me garante isso (Lélia Gonzalez).

Como apontado por Maria Lucia Gato Jesus e Rosana Batista Monteiro (2016), o Brasil se formou a partir de um modelo escravagista e esse aspecto permeia toda a estruturação do país até a atualidade. Isso faz com que pessoas negras sejam impedidas de viver dignamente, visto que sofrem diversas resistências para gozar plenamente dos seus direitos. A fala de Lélia provoca a reflexão sobre a educação, que é um dos direitos fundamentais, a fala soa como denúncia, escancarando a postura real do espaço universitário que é amplamente definido como aberto e acolhedor, mas a realidade se difere do discurso, mostrando que nem o direito a vida e segurança é garantido a ela nesse local. Onde a cota racial para pessoas negras é entendida como esmola e sua existência associada à capacidade intelectual e não a oportunidade. Outro apontamento de Lélia é a escassez de material sobre a temática racial, vale ressaltar que esses materiais são poucos e os disponibilizados são os que foram produzidos pela elite hegemônica, ou seja, pessoas brancas que escrevem sobre vivências que não tiveram e sobre modos de estar no mundo dos quais não tem propriedade nenhuma. Quando as cotas raciais são pensadas como medidas caritativas, elas não são debatidas e transformações estruturais não são realizadas, o ingresso de pessoas negras na universidade é um direito e é o primeiro passo, mas a permanência é de fundamental importância e faz parte desse processo, permanência essa que envolve fatores econômicos como auxílio, e também fatores de ensino teórico e de representação e reconhecimento positivos. Já era a fase de restringir a representação do negro ao negro escravizado. Ingressar na UnB é importante e permanecer nela com uma existência digna também.

Depois da UnB foi como se abrisse a minha janela, que foi quando eu vi que a minha cor ia significar na maioria das coisas que aconteciam na minha vida dentro da universidade, na minha vida amorosa, em tudo em relação a tudo. Que foi quando parece que caiu a ficha das inúmeras coisas que estavam acontecendo, então foi um espaço muito importante na minha auto identidade, foi aqui na universidade. Mas não

por conta da universidade, foi por conta das pessoas que eu tive contato (Sueli Carneiro).

Wilma Baía Coelho (2003) afirma que discutir questões étnico-raciais na instituição deve ser uma postura institucional e não somente pessoal, como tem ocorrido com alguns segmentos da escola e da Universidade. Na fala de Sueli foi possível perceber que o ingresso na universidade e a permanência no ambiente acadêmico, fez com que ela como mulher negra e outras que participaram desta pesquisa se reinventassem. A UnB proporcionou mudanças, descobertas e renovações na sua vida, não por fomento da instituição e sim pelas pessoas que transitam no local, ou seja, não foi um movimento institucional, foi e é uma ação de pessoa para pessoa. Ingressar na UnB potencializou o processo de auto reconhecimento como mulher negra, o fortalecimento da autoestima, a instrumentalização teórica a ela, mas nem sempre são processos agradáveis, embora tenha despertado para sua identidade, a sociedade funciona em outra lógica de pensamento, lógica essa que em muitos momentos é perversa para diversos grupos, inclusive as mulheres negras. Em outra fala de Sueli durante a entrevista “...mas na verdade é muito difícil isso também de saber que o país ainda tem pessoas que pensam assim e geralmente pessoas que podem mudar isso né? pessoas que estão no poder. É muito ruim essa parte e essa luta também é muito árdua” (Sueli Carneiro), expressa esse sentimento ambíguo, de animação por ter despertado para se perceber e se amar, e o desânimo pela realidade social excludente que se modifica a passos lentos.

Assim, eu tenho uma visão boa pelo fato de que, de tudo que eu falei, de que foi onde eu me encontrei eu acho, como pessoa né? então muitos dos meus amigos falam “ai depois que você entrou na UnB você mudou muito”, mas tipo eu não vejo isso como algo ruim, eu vejo como algo que foi muito bom pra mim entendeu? mesmo que sejam mudanças que pra eles é totalmente um choque comparado ao que era antes, pra mim foi muito bom assim essa construção, então eu vejo bom por esse sentido, acho que de identificação, de percepção sobre as coisas, de vivência e tals. No lado acadêmico mesmo é meio pesado e tal algumas coisas. Mas no geral eu me sinto feliz de ter entrado aqui, eu acho que talvez se eu não tivesse vindo pra UnB e tivesse estudado em outra faculdade, ou tivesse feito outra coisa, não teria vivido o que eu vivi, me

reconhecido dessa forma, visto as coisas de outra forma entendeu? então acho que foi bem importante pra mim (bell hooks).

Em sua fala bell afirma que ingressar na universidade a modificou positivamente e proporcional a consolidação de sua identidade como mulher negra. A percepção em relação a processos vividos, no que se refere as questões acadêmicas a universidade ganha uma conotação de dificuldade, mesmo assim é um ambiente positivo no tocante a proporcionar as mudanças positivas para o processo de identidade dela como mulher negra, processo que na opinião dela talvez não ocorresse em outros ambientes de ensino superior. Como aponta Danubia de Andrade Fernandes (2016), a construção da identidade de uma mulher negra traz junto de si uma postura ativa na luta contra racismo e machismo, não correspondendo à submissão esperada de uma mulher, que nesse caso além de mulher é negra.

Citando Alex Ratts e Flávia Rios (2010), afirmação e reconhecimento fazem parte de um jogo de espelhos entre pessoas negras em processo de construção de sua identidade racial. Nessa fala breve de Beatriz fica evidente a importância fundamental da representatividade, de se perceber e se identificar com o outro, se perceber parecido com alguém numa posição positiva na vida. Grande parte das representações de pessoas negra é nos inferiorizando e objetificando, no caso das mulheres negras são representadas de maneira hipersexualizada e sendo reduzidas a um corpo. O ambiente acadêmico embora de maneira tímida proporciona uma representatividade positiva para mulheres negras, vindo de professoras em menor ocorrência pela quantidade existente, de alunas que na união compartilham saberes e afetos, e de questões referentes as teorias e conhecimentos acadêmicos. Em específico a convivência com os pares fortaleceu e fortalece as mulheres negras que estudam na UnB, confirmar que esse espaço é nosso sim, que também somos capazes, que somos mais que um corpo e somos consumidoras e produtoras de conhecimento.

Depois da UnB acho que foi tipo “caraca meu cabelo, amo meu cabelo, amo o volume dele, me amo”, que nossa é isso é tão importante né? pra gente isso faz tanta diferença né? uma Audre que já não tem medo de ser quem ela é. Timidez continua? Continua né, mas a gente tá tentando lidar com ela (Audre Lorde).

Entre as maiores mudanças que Audre vivenciou após ingressar na universidade está a aceitação de seu cabelo, que foi o primeiro passo para ela se orgulhar de ser quem é na sua completude. Ela fala de como a aceitação de si e o autoamor são fundamentais. Para Danubia de Andrade Fernandes (2016), a tentativa de embranquecer perpassa diversos aspectos, no tocante a estéticos uma das manifestações é no cabelo que passa a ser alisado, numa tentativa de amenizar características relacionadas às questões étnico-raciais. Audre relata que redescobrir e aceitar seu cabelo foi uma experiência surpreendente e que a fortaleceu nessa caminhada de autoafirmação enquanto mulher negra.

Muita coisa...muita coisa. Acho que um dos maiores impactos na minha vida antes da UnB, que eu mudei bastante, eu mudei em vários quesitos, mas acho que em relação a ser uma pessoa muito assim me considero...eu era muito eu tinha a cabeça muito fechada pra algumas coisas sabe? Considero que eu era muito religiosa, então eu vivia muito naquele meio da religião sem as vezes ter essa...me dar a oportunidade de conhecer coisas novas, pensar diferente e foi o que a UnB me proporcionou assim. Eu comecei a abrir mais minha mente pra várias questões, me desprender de muitas coisas, muito preconceito e estigma que eu tinha assim, então assim até a carga de conhecimento que eu recebi muito grande né? então refleti muito, me questioneei muito e aprendi muitas coisas, então hoje em dia eu acho minha cabeça mais aberta pra várias questões (Djamila Ribeiro).

Djamila identifica a universidade como um ambiente que a fez repensar suas opiniões, que antes eram muito influenciadas pela religião e estando na UnB ocorreu uma expansão de sua visão de mundo. Para Joaze Bernardino (2002), os integrantes de grupos identificando-se uns com os outros partilhando crenças, hábitos e costumes, o que se traduz no senso de pertencimento social. De forma que o grupo na universidade pode ser referência e fortalecimento para estudantes negros. Estar na universidade permitiu a ela reinventar sua postura diante do mundo e aumentar seu conhecimento teórico também. Karen de Fátima Maciel (2011) enfatiza que a educação é capaz de potencializar o processo de formação crítica das pessoas, que tomam consciência da capacidade de criação da própria história de vida.

Depois da faculdade foi quando eu tive esse choque de realmente “cara o povo se ama pra poder tá andando assim, o povo se ama mesmo”, porque você pra você sair e botar a cara no mundo mesmo você tem que se amar pra caramba sabe? Você tem que se amar pra caramba porque não é todo mundo que tem a cabeça aberta, vai ter gente que vai solta comentário, vai ter gente que vai falar coisa. Então assim, eu falei “gente o povo se ama, eu sou forte pra caramba”, aí eu comecei a ver todas as qualidades que eu tinha, eu falei “eu tenho isso, isso, isso, não tenho isso? Não mas eu tenho isso, isso, isso. Porque eu eu não vou me amar” entendeu? e aí foi assim. Mas assim, depois que eu entrei na faculdade foi o mundo tipo, abriu, abriu muito a cabeça, tipo muito, foi lindo entrar na faculdade (Dandara).

Ser negro não é uma condição dada e sim um ato de tornar-se, é a construção de uma identidade negra que se dá por meio da contestação ao modelo hegemônico, é tomar consciência política dessa identidade (SOUZA, Neuza Santos, p.77). Na fala de Dandara se destaca a importância da coragem de ser, coragem de se mostrar e de lutar para ser quem é, visto que a sociedade é racista e machista, ser uma mulher negra é um ato de resistência diária. Ingressando na UnB ela ampliou sua mentalidade e se deparou com pessoas que se amavam e o amor como é revolucionário reverberou nela e possibilitou se transformar, fez com que abrisse os olhos para suas qualidades, ela passou a se ver com admiração e reconhecer seu valor.

3. Negritude em cena: Ato 3 Identidade

Então...eu me apresento do jeito que eu sou, assim eu sou negra e não tem como esconder e eu estou aqui pra apresentar o que eu sou, eu não tenho vergonha. Então quem gosta de mim tem que gostar do jeito que eu sou, acho que é muito isso. Então quem é meu amigo é meu amigo mesmo, é amigo de verdade. É mais ou menos isso assim (Carolina Maria de Jesus).

Citando bell hooks (1981) os esforços de disseminação contínua de desvalorização da natureza feminina negra tornaram extremamente difícil e frequentemente impossível às mulheres negras desenvolverem um auto-conceito positivo. Em sua fala Carolina exalta

a importância de se aceitar, para que a partir daí a autoestima seja fortalecida. Estar forte para se auto afirmar é fundamental para quem vive em uma sociedade racista, ainda mais pensando que esse processo é contínuo.

Não sei, eu acho que eu sou uma ameaça assim. Vejo no olho das pessoas o medo. Não sei, é eu acho que sou uma ameaça, por ser um corpo negro. Não uma ameaça sei lá, você entende? É isso eu acho que eu sou ameaça, as pessoas tem medo de falar e não sei...e ai tipo talvez tenham um certo respeito, que eu acho que nem é respeito, eu acho que é só essa coisa assim de não chegar perto ou de não falar nada (Angela Davis).

Nessa fala Angela compartilha algo que impressiona, ela se entende como mulher negra e percebe que aos outros ela é uma ameaça, as pessoas mantem distância dela e não é por respeito e sim por receio, justamente por a verem como uma ameaça. bell hooks (1981), aponta que o homem branco tinha como prática desumanizar a mulher negra, no intuito de justificar suas atitudes agressoras para com ela. Essa mentalidade de alguma maneira se perpetuou até a atualidade, quando se percebe um estereotipo em torno da mulher negra, que é definida como uma mulher amargurada e violenta.

E ai assim, não sei como as pessoas me veem, tem pessoas que eu vejo que me veem como uma mulher preta forte e tal, tem pessoas que eu não sei o que pensam, eu não tenho ideia assim, eu não sei se eu transpasso pras pessoas o que eu realmente sou. Eu tento...o jeito que eu ando, a forma que eu sou hoje é a forma que realmente eu me vejo no espelho, a forma que eu me vejo enquanto sociedade, a forma que eu me vejo politicamente, então acho que assim, quando as pessoas me veem, elas veem aquilo que eu quero que elas vejam, eu quero que elas vejam uma mulher preta que realmente vai lutar pelos pretos, que as pessoas falam assim “ah, ela é militante com certeza”, entendeu? eu acho que eu passo isso, eu não sei. Eu acho que é isso (Conceição Evaristo).

Matilde Ribeiro (2008) analisa que é evidente a capacidade das mulheres negras em modificar a realidade excludente, por meio das lutas como as que já tem trilhado. As mulheres negras em luta alcançaram novos patamares políticos, em relação ao feminismo e ao movimento negro, tendo em mente que a sociedade é racista e machista,

por isso mulheres negras tem lutas específicas perante os dois movimentos, e também avanços sociais como um todo. A participação social de mulheres negras cresceu, mas a luta continua e as melhorias necessárias não se esgotaram. Conceição tem consciência de quem é, e se satisfaz ao perceber que as pessoas a enxergam da maneira que ela quer, ou seja, da maneira que ela se mostra, uma mulher negra que luta por ela e pelos seus. Essa satisfação de Conceição não foi instantânea, ela resultou de um processo que possibilitou a ela vivenciar a experiência de se conhecer, se aceitar e se afirmar sempre que a necessidade se faz presente.

Eu não me instrumentalizo assistindo Jornal Nacional tá ligado? Eu sou uma pessoa preta, eu me vejo assim como uma pessoa preta tentando ter agência o máximo que eu consiga sobre a minha vida, não conseguindo na maioria das vezes, mas tentando fortemente. É igual eu falei, pensar questão racial é uma coisa que acompanha muito, muito a minha vida, então eu não sei...eu sou uma pessoa preta que estuda teatro, que estuda TO, que trabalha, que tem que lidar com problemas familiares, que é bissexual, que namora uma mina preta, eu sou muito complexa e eu queria que a impressão que as pessoas tivessem de mim é de que eu sou uma pessoa complexa, de que eu sou um ser humano que carrega todas essas complexidades (Lélia Gonzalez).

De início Lélia faz refletir sobre a atitude do outro em subestimar a capacidade intelectual de mulheres negras, que contrariando o senso discriminatório, produzem e consomem material de cunho intelectual, essas mulheres raciocinam e para alguns isso é uma novidade. Ela se identifica como mulher negra na luta pelo direito de ser quem é desde muito tempo, que circula em ambientes diversos e que é diversa também, não se limita e não permite que a limitem. Neuza Maria Sant Anna Oliveira (2015), recorda de uma notícia relacionada às médicas cubanas, que vieram ao Brasil pelo Programa Mais Médicos, ao desembarcarem o jornalista afirmou que elas não pareciam médicas e sim empregadas domésticas, por não corresponderem a estética racista que ele defende. A postura do jornalista reflete o pensamento de uma parcela da sociedade e reforça a visão estereotipada de que a mulher negra não é capaz de pensar e produzir conhecimento, negando a ela ser reconhecida como intelectual.

A minha família tem uma grande dificuldade de se identificar como negros e isso também foi muito difícil pra mim, porque era sempre...eu tenho mais traços indígenas né? então era sempre “a índinha”, “a moreninha” e pra eu ter esse processo de se autodeclarar, de se identificar foi muito difícil e começou na minha adolescência quando a minha madrinha começou a se identificar também, que ela cortou o cabelo curto e foi tirando toda química e passou por todo esse processo, foi quando eu comecei a enxergar e vê que as coisas que aconteciam não era por conta minha, era por conta da minha cor. As experiências racistas né? e aí foi quando eu comecei a me aproximar do tema, começar a ler a respeito e começar a ter orgulho disso, entendeu? porque antes era sempre tentando fazer parte de alguma coisa daquela classe e tentando mudar uma coisa que não dá pra mudar que era a cor, mas hoje já me orgulho disso e se pudesse voltar atrás teria falado praquela menininha que a culpa nunca foi dela e etc (Sueli Carneiro).

Como aponta Silvia Karla Santos (2012), embora à quantidade de pessoas negras no Brasil seja grande, a construção da identidade não é em sua maioria positiva e para que pessoas negras sejam aceitas são incentivadas a se aproximar do padrão branco de beleza. Sueli compartilha que o fato de ter cabelo liso, que nessa sociedade é identificado como uma característica branca, somado a dificuldade da família para se autodeclarar influenciou na auto percepção e resultou num movimento externo de não a verem ou não quererem que ela se visse como negra. E a transição capilar de uma pessoa próxima ressonou nela para que repensasse vários processos e percebesse que a cor de sua pele foi determinante para fatos que vivenciou na sua trajetória. Essa acontecimento foi um despertar para seu processo de auto aceitação e auto amor, ela percebeu que a mudança necessária não era no seu corpo e sim na mentalidade dela para se aceitar e ter orgulho de ser uma mulher negra, e claro a mudança na sociedade racista também se faz necessária.

Eu acho que talvez a opinião que as pessoas tem sobre mim ainda é uma coisa que me abala, então eu tento sempre tá me reafirmando como pessoa, me conhecendo melhor pra conseguir ser mais independente, conseguir aceitar um comentário ou alguma coisa assim que eu não goste tanto e mesmo assim “ah, tá bom. Mas é assim que eu quero ser, é assim que eu quero lidar com as coisas e bater o pé no chão”. E não

sei...eu acho que eu sou uma pessoa que eu posso influenciar muito as pessoas que eu convivo e tals, então isso me instiga a conhecer mais, a viver mais e a me posicionar politicamente (bell hooks).

Mariana Pimentel e Fernanda Sousa (2014), afirmam que pensar em sororidade entre mulheres negras é específico, considerando a existência do racismo numa sociedade machista, a troca de afeto entre as mulheres negras fortalece o indivíduo e o coletivo, formando uma rede de apoio onde pelo compartilhamento de experiências as mulheres negras fortalecem umas as outras. Na fala de Bell se revela o processo de fortalecimento de sua autoestima, a participar de relações de troca e o fato de se construir sem deixar que a opinião do outro a faça sofrer, convivendo com as diferenças sem abrir mão de ser ela mesma. Ela entendeu que assim como se constrói nas relações de troca, pode também influenciar outras pessoas nessa caminhada, no que se relaciona à temática racial.

Mas eu vejo que tem uma relação diferente de tratamento, totalmente diferente. Eu vejo isso pra vida mesmo, porque tipo assim tem eu e tem as minhas amigas brancas, a gente tem praticamente as mesmas oportunidades e as vezes as pessoas decidirem dar a oportunidade pra elas do que pra mim, mas eu também nunca me importei com isso, mas eu sempre percebo meio que um favoritismo, é notório o favoritismo. Se tem uma mesma oportunidade pra duas pessoas eles preferem dar a oportunidade pra quem tem a pele mais clara do que você. Na escola eu convivi com isso, na igreja eu convivi com isso e interfere na vida também porque eu tenho poucos amigos, eu não sei se tem alguma coisa a ver com isso, mas eu tenho pouquíssimos amigos aqui em Brasília, aqui na UnB até que eu consegui graças a Deus me relacionar muito bem com as pessoas, eu tenho várias amizades aqui e aqui eu não senti preconceito nenhum, mas em outros lugares...na igreja nem se fala, o nível de tratamento é totalmente diferente, até dentro da própria família é assim... Tentando procurar um espaço...tendo procurar um espaço, eu me vejo assim. Não pra ser vista, ser lembrada mas só um espaço que possa me dar um conforto no meu futuro (Beatriz Nascimento).

Beatriz aborda o preterimento a que pessoas negras são submetidas em diversas situações e que ela já vivenciou em diferentes ambientes dos quais faz ou fez parte, em especial no religioso. A ocorrência desses fatos onde foi excluída e de certa forma

descartada, gerou nela uma dificuldade de fazer amizades e de desenvolver o sentimento de pertencimento, ela se vê como uma mulher negra que não faz parte de algo e ela segue a procura do seu espaço. De acordo com Wilma Baía Coelho (2003) a questão racial é vista como critério de desvantagem competitiva, e por isso as pessoas negras passam por uma jornada dupla na consolidação de sua carreira profissional.

Eu...eu acho que assim, eu sempre tive muita certeza desde muito nova até porque minha vó, eu convivi com minha família materna no caso só, e a minha vó é super branca do cabelo liso de voltinha só na ponta, do olho claro e ai ela casou com um baita dum negão e ai as filhas, no caso minha mãe e as minhas tias elas são negras, então isso pra mim sempre foi muito claro e eu acho que mais por uma questão da pele assim dos traços, eu acho a gente se percebe nas questões sociais também né? a gente percebe isso no social. É sempre deixado muito claro mesmo que sem deixar as claras, aquela coisa meio enrustida mas a gente percebe que a gente é negro (Patrícia Hill Collins).

A convivência em uma família inter-racial possibilitou a Patrícia se perceber diferente de alguns e semelhante a outros, e assim se perceber negra desde que era criança, ela reflete sobre a intensidade com que essa percepção se dá socialmente, de maneira explícita as pessoas são diferenciadas como negras ou não, e essa diferenciação tem uma fonte racista que classifica e define o papel de cada um dependendo da questão racial, onde se define quem nasceu para servir e para ser servido, quem limpa e quem desfruta, o bairro que deve morar, as roupas que pode comprar, os lugares que deve frequentar e etc. Matilde Ribeiro (2008) explica que a soma de discriminações que permeiam a existência de mulheres negras resulta em exclusão, visto que essas mulheres estão existindo em uma sociedade racista e machista. A fala de Patrícia vem para confirmar essa exclusão, quando ela compartilha o fenômeno social de demarcação do ser negro, quando o outro deixa claro mesmo que não explicitamente que você é mulher negra e o que isso acarreta.

É...sempre me, como desde pequena me falaram que eu era parda, então eu “é sou parda né?”. Isso sempre pra mim eu acreditei que...ai eu sempre alisei o cabelo, então aí quando eu cortei o cabelo e percebi que meu cabelo não era cacheado, era crespo aí eu tive já “eita, caraca, então o que que eu sou né?” e aí a minha prima sempre conversando comigo “ah eu sou negra e tal. E você Audre como que você se considera e tudo mais?”, aí eu ficava “parda”. Porque tipo eu não entendia muito né e tudo mais e ela foi insistindo “o mais você tem características e tudo mais”, aí eu fui pensando, pensando até que na faculdade né...acho que foi mesmo na faculdade que eu comecei a me assumir realmente como eu sou né? porque eu sou negra (Audre Lorde).

A prática de alisar o cabelo está relacionada a uma tentativa de afastamento da própria negritude, como apontam Alex Ratts e Flávia Rios (2010), na dinâmica das relações raciais brasileiras o cabelo indica pertencimento etnoracial e devido aos resultados do racismo pessoas negras e suas características são inferiorizadas, fazendo com que as mulheres negras numa tentativa de se aproximar do padrão de beleza branco e serem aceitas, alisem os cabelos. Audre relata que foi depois de ingressar na universidade que realmente se assumiu como uma mulher negra, processo que foi dificultado pela convivência desde a infância com pessoas que a definiam como parda e pela prática de alisar o cabelo que durou anos. Ao perceber que seu cabelo é crespo, ela despertou para repensar sua identidade.

Como eu acho que foi muito espontâneo, mas assim acho que ainda mais no ensino médio sabe? Que foi bastante discutido e aí comecei a...questões levantadas até por professores, leitura, saber sobre e aí eu comecei a ter consciência eu me via preta, eu não via mal nisso e até entender porque as pessoas vê mal em ser preta sabe? Não tem algo mal em ser e aí foi algo acho que mais no meio social mesmo a escola, leitura, até a faculdade também acho que ficou algo mais concreto em mim. Mas foi algo espontâneo (Djamila Ribeiro).

Djamila vivenciou um processo raro, o de discutir questões raciais na escola, que não é comum na história de vida das outras participantes, e foi na escola em meio a essas discussões que ela construiu sua identidade de mulher negra, de forma espontânea e fortalecida, e mesmo em meio a repressões ela não se afetou e foi fortalecida nos ambientes sociais, já que em casa não recebia reforços positivos em relação a se

identificar como mulher preta. Na adolescência ocorre a desvinculação parental e novas visões de mundo são formadas, a escola é um importante ator nesse processo, podendo promover o debate sobre diversidade e desconstruindo paradigmas racistas. (OLIVEIRA, Nathália Pereira, 2017). A escola teve esse papel na experiência de Djamila, onde a escola teve uma contribuição positiva para a construção da identidade dela, se percebendo e se aceitando como uma mulher negra.

Difícil, difícil sempre em qualquer lugar que você for vai ter gente olhando errado, vai ter gente olhando de canto, vai ter piadinha, vai ser...assim, ser mulher negra é símbolo de força, sinceramente. Porque olha eu acho que a palavra que define é difícil, é um desafio todo santo dia, pode não tá presente pra mim do jeito que tá presente pra outra todo santo dia, mas que nessa sociedade todo santo dia é um desafio, mesmo que você não passe por nada naquele dia, você vai passar outro dia. Você não deixa de ser negra naquele dia, você continua sendo negra entendeu? mas não é só porque você não passou naquele dia que você vai deixar de passar entendeu? é difícil, mas assim é símbolo de força. É assim se você...pra mim é um desafio, é um teste, é mais uma prova que te deixa mais forte entendeu? então assim, pra mim é isso (Dandara).

A história da humanidade se faz a partir das ações de pessoas e grupos que questionam o poder instituído e lutam pelos seus ideais (RIBEIRO, Matilde, 2006). Quando Dandara afirma que ser mulher negra é luta, ela fala do caminho longo que já foi iniciado há muito por seus ancestrais e que continua sendo trilhado em busca de uma existência mais digna para todos, inclusive as mulheres negras. A resistência é árdua e diária, Dandara deixa isso evidente em sua fala. Ela entende que ser mulher negra em uma sociedade racista e machista é complicado, já que a discriminação é diária e cruel, o racismo causa sofrimento às mulheres negras todo dia de maneiras diferentes e mina o direito a uma existência digna. A negritude não sai da mulher e é o racismo é que deve sair da sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da identidade é realizada na troca com o outro, que pode ser a mídia, as pessoas próximas, representações históricas e etc. Numa sociedade que se estrutura no racismo e no machismo, as informações recebidas sobre o que é ser uma mulher negra nem sempre serão positivas, pelo contrário, elas tornam a construção de uma identidade saudável atividade quase que impossível. É um processo árduo em que várias visões de mundo são desconstruídas, para que novas sejam formadas de maneira a gerar auto aceitação.

A universidade está entre os cenários nos quais ocorrem as trocas, e pelo que foi relatado pelas participantes é um ambiente potente na geração de representações positivas. Por iniciativa dos alunos na maioria dos casos e raramente de professores. O efeito de fortalecimento da identidade positiva ocorre na troca entre pares e não parece ser uma prioridade para a instituição. A partir dessa realidade surge um movimento de união e ação entre as mulheres negras, que se aproximam e fortalecem, no compartilhar de referenciais, vivências e maneiras de ver o mundo.

O ambiente universitário apresentou às participantes mais reconhecimento com o outro do que a fase escolar, mesmo assim a quantidade de alunas negras é pequena quando comparado a realidade social, e a quantidade de professores negros é menor ainda. Estar nesse ambiente também contribuiu na instrumentalização e na percepção de diversas vivências das quais não entendiam o motivo de ter acontecido, e na troca de experiências se deram conta do motivo, a cor de sua pele. Nessa caminhada descobrem o potencial da resistência, da luta e do amor, a si mesmas e aos seus pares. O afeto é um combustível que permite a transformação interna para depois lutar pelas transformações externas necessárias.

Essa ambiente, como parte da sociedade, também tem estruturas racista e machista, portanto é um ambiente que não garante tratamento digno e nem a segurança das mulheres negras, que passam por situações discriminatórias vindas de outros alunos e também de professores. A universidade atua como uma dose do mundo, uma parte da sociedade. O ingresso de mulheres negras nesse ambiente aumentou em parte pela implementação do sistema de cotas para negros, uma ação afirmativa que busca reparar

o impedimento de que negros tivessem acesso a educação formal, fato que no cotidiano das estudantes é usado na tentativa de contestar sua capacidade intelectual.

A escola e a família principalmente durante a infância são ambientes com grande potencial de influencia sobre as crianças, tendo relação com a construção da identidade e papel fundamental na auto identificação dessas mulheres como negras. A postura familiar de se identificar ou não como negros reverberou e reverbera nessas mulheres, atrasando ou promovendo a afirmação de sua identidade como mulher negra. É importante ressaltar que as pessoas que compõe a família, a escola, a universidade, a mídia são todas pessoas que vivem numa sociedade racista e machista, portanto é urgente que o debate sobre questão racial e de gênero seja fomentado e que a sociedade reconheça que o Brasil é racista. O mito da democracia racial não existe e essa postura hipócrita só causa mais violência. Os prejuízos do racismo não afetam só as pessoas negras, afetam a sociedade toda.

O processo de construção da identidade sofre interferências também do outro que tenta negar a negritude da mulher negra. Quando a pele é mais clara a classificam como parda/morena e quando o cabelo é liso a chamam de “índia”, essas atitudes são resultado do racismo que inferioriza pessoas negras e o que se refere a elas. O outro faz isso como uma tentativa de salvar a pessoa das agressões que se relacionam ao ser negro, mas com essa atitude também agride e fortalece a visão que impede as pessoas negras de terem seus direitos respeitados e viver com a dignidade necessária, para uma vida saudável.

Levando em conta o passado e o presente, de fato ser mulher negra é luta e resistência. Resistir a todas as agressões e tentativas de desumanização, lutando por dignidade e garantia de direitos, para vencer as batalhas impostas pelo sistema racista e machista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. C. Protagonismo e autonomia de mulheres negras, a experiência das organizações: geledés e crioula. **Fazendo Gênero 9**- Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

BELLONI, LUIZA. **Mulher negra graduada no Brasil recebe 43% do salário de homem branco**. 16 de novembro de 2017. Disponível em https://www.huffpostbrasil.com/2017/11/16/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco_a_23279872/. Acesso em: 30 de junho de 2018.

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.

BERTAUX D. **Los relatos de vida**. Barcelona (ESP): Bellaterra; 2005.

BRASIL. **Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação**. 2016. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-sao-maioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero**, 2011. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em 10/05/2018.

CARNEIRO, SUELI. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. 1ª ed. Selo Negro, São Paulo, 2011.

CAZELLA, Barbara Bressiani. O SISTEMA DE COTAS RACIAIS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Espaço Jurídico Joaçaba**, v. 13, n. 2, p. 373-392, 2012.

CHINELLATO, Thais M.. **Crônica e ideologia: contribuições para leituras passíveis**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CIPRIANI R, POZZI E, CORRADI C. **Histoires de vie familiale dans un contexte urbain**. **Cahiers int sociol**, 1983; 79: 253-62.

COELHO, A. M. S., GOMES, S. S. O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira. **7ª Jornada Internacional de Políticas Públicas**- Universidade Federal do Maranhão, 2015.

COELHO, Wilma Baía. Docência e Relações Étnico raciais no Ensino Superior: Algumas Reflexões. **REVISTA OLHAR**, São Carlos – SP, ano 05, n.8, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment.** New York: Routledge, 2nd ed, 2000.

COLUCCI, Vera Lúcia, ANDRADE, Jairo Eduardo Borges. Eu, mulher, psicóloga e negra. *Psicol. cienc. prof.* vol.4 no.2 Brasília, 1984.

CUTI. Quem tem medo da palavra negro. IN. KON, Moritz , Noemi; ABUD, Cristina Curi; SILVA, Lucia, Maria. O racismo e o negro no Brasil. **Perspectiva**, São Paulo, 2017.

DA SILVA, Paulo V. B., ROSEMBERG, Fúlvia. **Brasil: lugares de negros e brancos na mídia.** Em Dijk, Teun A. V. *Racismo e discurso na América Latina*, pp. 73-118. São Paulo: Contexto, 2008.

FARAH, Tatiana. **Mulher negra ganha 60% menos que homem branco no Brasil. 2017.** Disponível em https://www.buzzfeed.com/tatianafarah/disparidades-salariais-homem-mulher-ipea?utm_term=.vtl131NQJ#.bu53w3aoB. Acesso em: 30 de junho de 2018.

FERNANDES, Danubia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. **Rev. Estud. Fem.** vol.24, no.3, Florianópolis, 2016.

FILICE, Renisia Cristina Garcia, SANTOS, Deborah Silva. Ações Afirmativas e o Sistema de Cotas na UnB Antecedentes históricos. **Cadernos de Educação**, Brasília, n. 23, p. 209-248, jul./dez. 2010. Disponível em: www.cnte.org.br

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, p. 171, 2003.

GONÇALVES, Renata, AMBAR, Gabrielle. A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.19 n.34, p.202-213, 2015.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-469. Florianópolis, Brasil, 1995.

hooks, bell. **Alisando o Nosso Cabelo.** Revista Gazeta de Cuba – União de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em www.coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html

hooks, bell. **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo.** 1ª edição 1981, Tradução livre para a Plataforma Gueto, Janeiro 2014.

JESUS, Maria Lucia Gato, MONTEIRO, Rosana Batista. Jovens, negras e estudantes: aspectos da vulnerabilidade em São Luís do Maranhão. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n.3, p.652-663, 2016.

JULIO, Ana Luiza dos Santos. **Negros e negras no ensino superior privado: um estudo sobre raça e gênero.** Tese de doutorado, 180 f – Programa de PósGraduação em Psicologia PUCRS – Porto Alegre, 2011
JULIO, Ana Luiza dos Santos. Negros e negras no ensino superior privado: um estudo sobre raça e gênero. Tese de doutorado, 180 f – Programa de PósGraduação em Psicologia PUCRS – Porto Alegre, 2011

KON, Moritz , Noemi; ABUD, Cristina Curi; SILVA, Lucia, Maria. O racismo e o negro no Brasil. **Perspectiva**, São Paulo, 2017.

MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MENDES, Raquel Almeida, LIMA, Fátima Maria. O SISTEMA DE COTAS RACIAIS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína (TO), Ano 05, n.0 08, jul./dez. de 2016.

MIRANDA, Débora Brasil. **Tecendo o futuro: vivências de mulheres negras numa perspectiva intergeracional e familiar.** 2015. 178 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania)- Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MOURA, Mayra de Paula Bispo, RODRIGUES, Sara Veloso, GODINHO, Victoria Pinho e. **Mulheres Negras no Brasil:** trajetória de luta no movimento negro e no movimento feminista. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades II. Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013.

OLIVEIRA, Nathália Pereira de. **Processos identificatórios de adolescentes negros(as): a escola como potencializadora de espaços identitários.** 2017. 129 f., il. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)- Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

OLIVEIRA, Neuza Maria Sant Anna. A MULHER NEGRA E A BUSCA POR PELA INTELLECTUALIDADE: DERRUBANDO BARREIRAS E CONSTRUINDO CAMINHOS. **Revista Interinstitucional Artes de Educar.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 2 p. 293 – 310, 2015.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado, FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão. **HISTÓRIA DA MULHER NO ENSINO SUPERIOR E SUAS CONDIÇÕES**

ATUAIS DE ACESSO E PERMANÊNCIA. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação- SIRSSE, Curitiba, 2017.

PIMENTEL, Mariana, SOUSA, Fernanda. **Sororidade Negra: Laços Invisíveis.** Publicado em 10/03/2014. Acessado em 11/05/2018. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2014/03/10/sororidade-negra-lacos-invisiveis/>>

POIRIER J, CLAPIER-VALLADON S, RAYBAUT P. **Histórias de vida: teoria e prática.** 2ª ed. Oeiras (PT): Celta; 1999.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica- sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** Imprensa Oficial. INSTITUTO KUANZA, São Paulo, 2006

RATTS, Alex, RIOS, Flavia. **Lélia Gonzales.** Selo Negro Edições, São Paulo, 2010.

RIBEIRO MGM. **Gestante HIV positivo: a história de vida contribuindo para a assistência de enfermagem** [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery; 2000.

RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e O feminismo em novas rotas e visões. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(3): 272, 2006.

RIBEIRO, Matilde. MULHERES NEGRAS: UMA TRAJETÓRIA DE CRIATIVIDADE, DETERMINAÇÃO E ORGANIZAÇÃO. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.3: 424, 2008.

ROSEMBERG, Fúlvia. Psicologia, profissão feminina. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, nº 47, p. 32-37, nov. 1994.

ROZAS, Luiza Barros. **Cotas para negros nas universidades públicas e a sua inserção na realidade jurídica brasileira- Por uma nova compreensão epistemológica do princípio constitucional da igualdade.** Dissertação de mestrado, Faculdade de Direito da USP, São Paulo, 2009.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa.** Tese (doutorado)- Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2009. Disponível em < <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11778>>

SANTOS, Giceli Ribeiro. **O não-lugar da mulher negra na sociedade brasileira: em busca de uma nova perspectiva.** In: V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação; IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, 2005, São José dos Campos- São Paulo. V Encontro

Latino Americano de Pós-Graduação; IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, 2005.

SANTOS, Inês Maria Meneses dos, SANTOS, Rosângela da Silva. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, vol.17, n.4, pp.714-719. Florianópolis, 2008. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400012> >

SANTOS, Silvia Karla M. M. O QUE É SER NEGRO NO BRASIL? – Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

SARDENBERG, Cecília M. B.; COSTA, Ana Alice. Feminismos, feminista, e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luiza R., BINGEMER, M^a Clara L. (Orgs) **Mulher e relações de gênero**, São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SCHUCMAN, Lia Vainer, FACHIM, Felipe Luis. A cor de Amanda: identificações familiares, mestiçagem e classificações raciais brasileiras. **Interfaces Brasil/Canadá**. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 16, n. 3, p. 182-205, 2016.

SCHMITT, Rafael Eduardo. **Acadêmicos de educação física: perfil, motivações e o valor atribuído aos componentes formativos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Marcella de Holanda Padilha Dantas da. **Negritude e infância: cultura, relações étnico-raciais e desenvolvimento de concepções de si em crianças**. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro, Edições Graal, Coleção Tendências, v.4, 1983.

WINCH, R. R, ESCOBAR, G. V. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. **Cadernos de comunicação**, Universidade Federal de Santa Maria-UFSM v.16, n.2, Jul-dez 2012.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FACULDADE DE CEILÂNDIA

**CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE DE ESTUDANTES
NEGRAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: EXPERIÊNCIAS E
TRAJETÓRIAS**

CARLA MARYANNE REIS DOS SANTOS

Entrevista Semiestruturada**Dados Sociodemográficos**

Nome:

Idade:

Cor da pele:

Raça:

Escolaridade:

Estado civil:

Religião:

Roteiro de Perguntas

1. Como se sentiu sendo chamada para essa pesquisa? (oportunidade de tirar as dúvidas sobre a pesquisa e tranquilizar a participante)
2. Você poderia começar me contando um pouco da sua história? (onde nasceu, filha de quem, onde mora, o que gosta-lazer, hobby, arte e não gosta de fazer, relação com a família, amigos, se namora, escola, vizinhança, religião, política).

3. Se eu te pedisse para me contar um pouco a sua história a partir do seu ingresso na UnB será que você conseguiria?
4. Você acha que a UnB é uma fonte de alegrias na sua vida? Como assim?
5. O que pra você é a UnB hoje?
6. Houve alguma mudança radical na sua vida com o ingresso na UnB, em algum momento particular? Fale-me dela e o que provocou em você e na sua vida (explorar emoções positivas e negativas, mudanças nas relações sociais, reações dos outros, efeitos no cotidiano).
7. Como você imagina que os outros te veem?
8. Você já se sentiu discriminada ou rejeitada? Por quê? Como se sentiu e reagiu?
9. Nessa situação, recebeu algum tipo de apoio? De quem?

APÊNDICE B- TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa “Construção social da realidade de estudantes negras da Universidade de Brasília: Experiências e trajetórias”, sob a responsabilidade do pesquisador Josenaide Engracia dos Santos. O projeto trata de como o **racismo é algo que afeta todo o ciclo de vida da pessoa e é algo que se em experiências e trajetórias, principalmente nas Universidade, onde ainda o número de negros é reduzido. E a não representação pode se traduzir em problemas psicológicos e emocionais, na medida em que parte da população negra não se sente representada no cenário da Universidade. Compreender as trajetórias e experiências das estudantes negras da Universidade de Brasília, e o reflexo de sua vivência na construção da sua autoimagem étnico racial é importante para discussão étnico racial. Metodologia. Trata-se de um método qualitativo.** A história de vida é uma técnica que busca compreender o desenvolvimento da vida do sujeito, recuperando as experiências, crenças, mitos, tradições que permitam compreender melhor a história do entrevistado.

O objetivo desta pesquisa é: Compreender a trajetória e experiências de mulheres negras na Universidade de Brasília.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação se dará **por meio de entrevista que será gravada. A pesquisa ocorrerá na sua residência, em horário previamente agendado**, na data combinada com um tempo estimado **em trinta minutos, em apenas um encontro para sua realização.**

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem provocar um desconforto pelo tempo exigido ou até um constrangimento pelo teor dos questionamentos. Os riscos estão relacionados ao conteúdo, assunto que podem provocar constrangimento, invasão de privacidade, fortes emoções, ansiedade e receio, a forma de minimizá-los será por meio da **compreensão prévia de todos os sujeitos de pesquisa acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, assim como serão revistas criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes.** Se você aceitar participar, **estará contribuindo para aprofundamento e compreensão do fenômeno social estudado, maior conexão de significados com a realidade pesquisada e os dados podem ser utilizados para estratégias de enfrentamento do racismo.**

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de no mínimo cinco anos, após isso serão destruídos ou mantidos na instituição.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Josenaide Engracia dos Santos, na Universidade de Brasília no telefone 61-33770615 e 61-91640758, no horário de 8 às 17 horas.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____.

**APÊNDICE C- TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE
IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA**

Eu, _____ autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado “Construção social da realidade de estudantes negras da Universidade de Brasília: Experiências e trajetórias” sob responsabilidade de Josenaide Engracia dos Santos, vinculado a Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilandia.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para: *análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas, atividades educacionais, etc.*].

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) Pesquisador

Assinatura do (a) Participante

Brasília, ____ de _____ de _____

ANEXO A- PARECER DO CEP

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE DE ESTUDANTES NEGRAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS

Pesquisador: JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS

Versão: 1

CAAE: 77705417.0.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Ciências Humanas/UNB

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 114416/2017

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE DE ESTUDANTES NEGRAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS que tem como pesquisador responsável JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS , foi recebido para análise ética no CEP UnB - Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília em 27/09/2017 às 17:41.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br